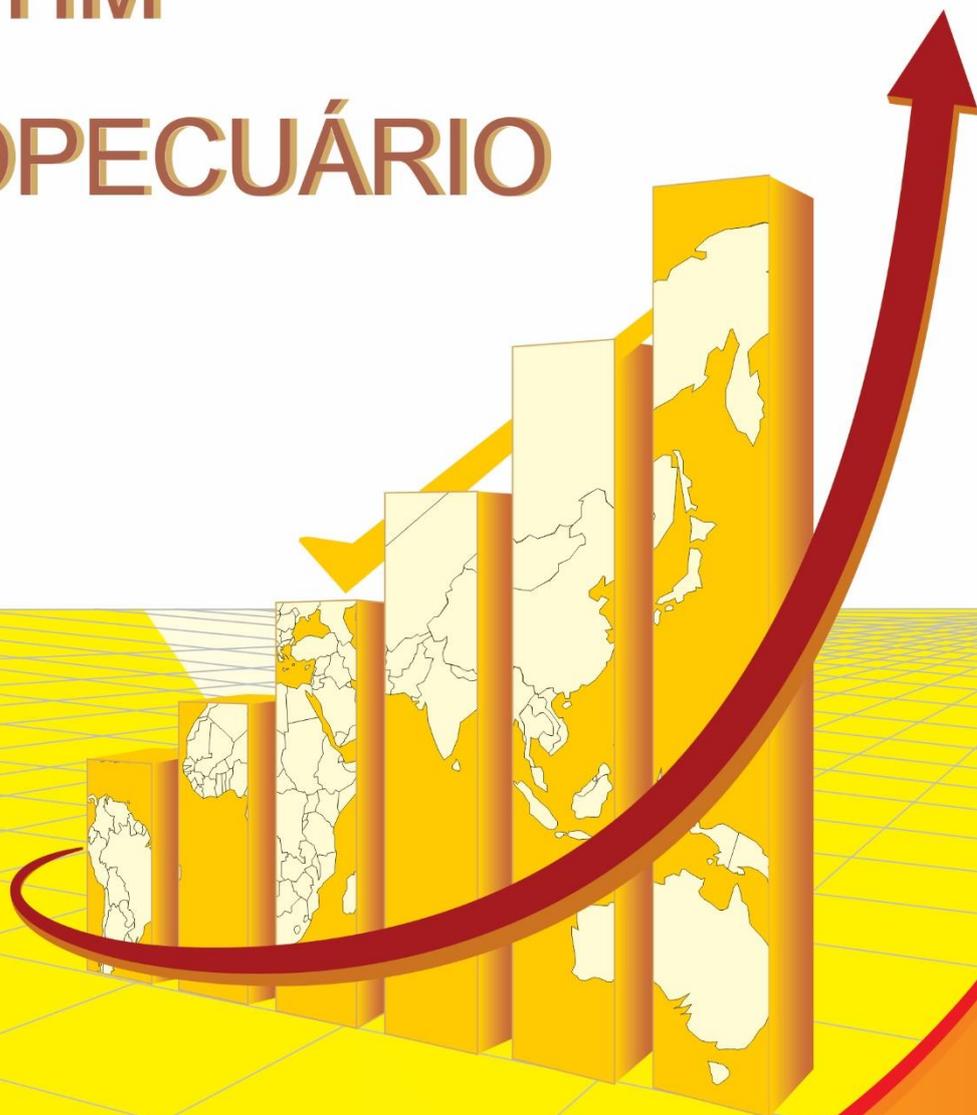


# BOLETIM AGROPECUÁRIO





**Governador do Estado**  
Carlos Moisés da Silva

**Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural**  
Altair Silva

**Presidente da Epagri**  
Edilene Steinwandter

**Diretores**

Célio Haverroth  
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira  
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto  
Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes  
Ciência, Tecnologia e Inovação



**ISSN: 0100-8986 (impresso)**

**ISSN: 2674-9521 (on-line)**

**DOCUMENTOS Nº 345**

# Boletim Agropecuário

**Autores desta edição**

Alexandre Luís Giehl

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Rogério Goulart Junior

Tabajara Marcondes



Florianópolis  
2021

**Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi  
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901  
Fone: (48) 3665-5000

Site: [www.epagri.sc.gov.br](http://www.epagri.sc.gov.br)

E-mail: [epagri@epagri.sc.gov.br](mailto:epagri@epagri.sc.gov.br)

**Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi  
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil  
Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: [online@epagri.sc.gov.br](mailto:online@epagri.sc.gov.br)

**Coordenação:** Tabajara Marcondes

**Revisão técnica:** Antonio M. Feliciano/Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior

**Colaboração:**

Bruna Parente Porto

Carlos Koji Kato

Claudio Luis da Silveira

Cleverson Buratto

Édila Gonçalves Botelho

Evandro Uberdan Anater

Getúlio Tadeu Tonet

Gilberto Luiz Curti

Nilsa Luzzi

Orlando Fuchs

Saturnino Claudino dos Santos

Sidaura Lessa Graciosa

**Edição:** setembro de 2021 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

**Ficha Catalográfica**

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário**. Setembro/2021.  
Florianópolis, 2021, 47p. (Epagri. Documentos, 345).  
Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019  
passou a integrar a série Documentos com numeração própria.  
Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (*on-line*)

## APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

**Edilene Steinwandter**  
Presidente da Epagri

## Sumário

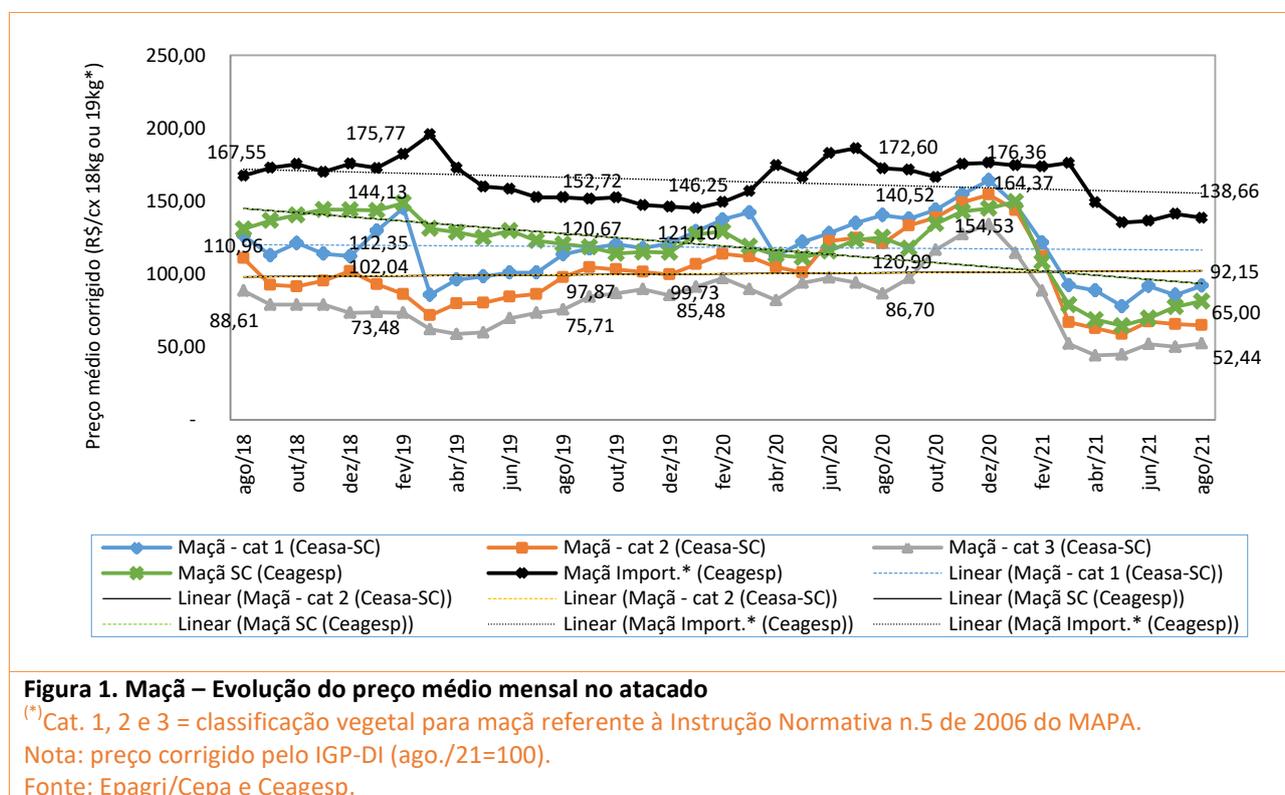
<b>Fruticultura</b> .....	7
Maçã .....	7
<b>Grãos</b> .....	10
Arroz .....	10
Feijão .....	12
Milho.....	14
Soja .....	18
Trigo.....	22
<b>Hortaliças</b> .....	24
Alho.....	24
Cebola .....	27
<b>Pecuária</b> .....	30
Avicultura.....	30
Bovinocultura .....	35
Suinocultura.....	39
Leite .....	45

## Fruticultura

### Maçã

Rogério Goulart Junior  
Economista, Dr. - Epagri/Cepa  
[rogeriojunior@epagri.sc.gov.br](mailto:rogeriojunior@epagri.sc.gov.br)

No início do segundo semestre a demanda retraída devido as restrições econômicas dos compradores está afetando a comercialização das frutas graúdas que apresentam cotações acima das frutas miúdas. Nos pomares a expectativa para a próxima safra (2021/22), com horas de frio acima da média entre julho e agosto, é de possibilidade de maior produção e qualidade das frutas.



**Figura 1. Maçã – Evolução do preço médio mensal no atacado**

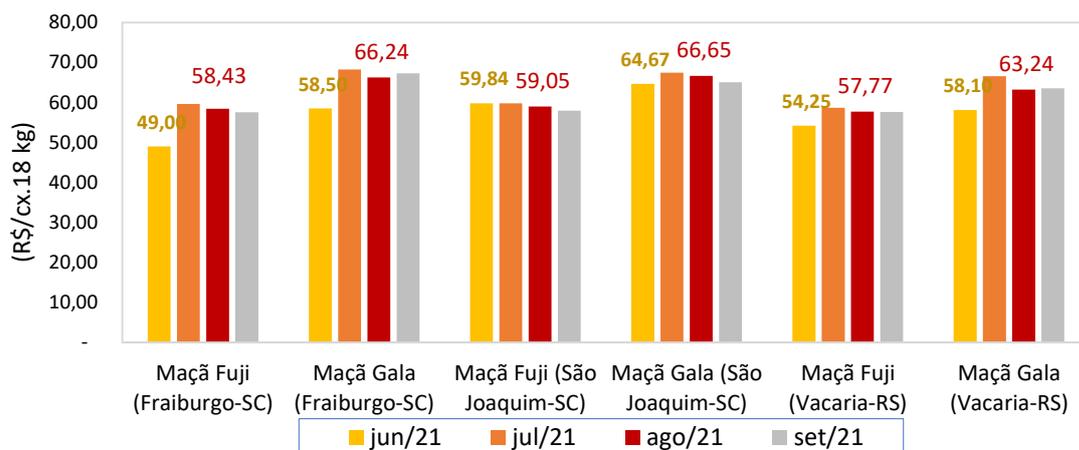
(\*) Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Nota: preço corrigido pelo IGP-DI (ago./21=100).

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Na Ceasa/SC, entre julho e agosto de 2021 houve valorização nos preços da maçã categoria 1 de 7,5%, sendo que entre junho e julho apresentava redução de 6,8% nas cotações. A maçã de categoria 2, entre julho e agosto, manteve desvalorização de 1,1%. Em agosto, os preços das categorias 2 e 3 representaram respectivamente 70,5% e 56,9% o valor da fruta de categoria 1. No comparativo com 2020, a cotação de agosto está desvalorizada em 34,4% para categoria 1, 46,3% para categoria 2 e 39,5% para categoria 3. Com demanda retraída, devido o baixo poder de compra dos consumidores, as classificadoras aplicaram e estratégia de vendas com descontos e desvalorização das cotações das frutas graúdas.

Na Ceagesp, entre julho e agosto houve valorização no mercado atacadista de 4,9% no preço da maçã catarinense, com redução dos estoques da fruta no atacado. Com a demanda retraída no atacado a comercialização se mantém limitada no período. As maçãs importadas estão com cotações desvalorizadas em 19,7% com relação ao ano anterior, principalmente devido a baixa demanda e taxa de câmbio depreciada (R\$/US\$). A expectativa é o aumento da demanda com manutenção das cotações.



**Figura 2. Maçã – SC e RS: preço médio ao produtor**

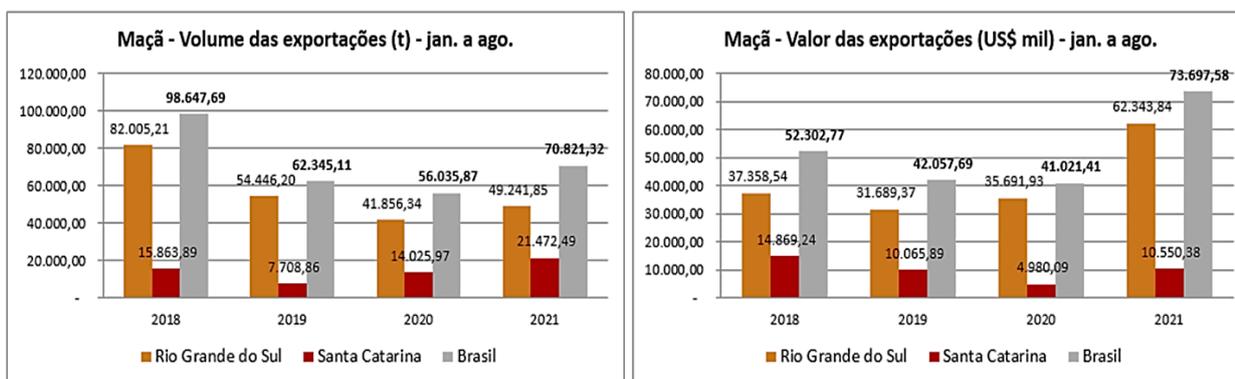
Nota: Maçã (cat.1) embalada; agosto até o dia 10 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP.

Na região de Fraiburgo (SC), entre julho e agosto o frio rigoroso com neve e geada foram positivos para o período de dormência das macieiras nos pomares, mas acabaram atrasando as atividades de campo como limpeza e poda das plantas. Para as maçãs precoces, na segunda quinzena de setembro, alguns pomares já iniciam a brotação com a quebra de dormência. Com cotações de maçã Fuji desvalorizadas em 2,0% e para a maçã Gala de 3,0%. Há expectativa de manutenção nas cotações com escalonamento entre as frutas como forma de garantir o retorno adequado a baixa demanda no mercado.

Em São Joaquim (SC), entre agosto e início de setembro as temperaturas negativas, com geadas e neve, provocaram o retardo da dormência, afetando os tratamentos culturais, contudo, as horas de frio acima da média ampliam a expectativa de maior produção e qualidade das frutas para a próxima safra. A comercialização das frutas 2020/21 está com dificuldade no escoamento de frutas graúdas com maiores cotações e qualidade no mercado. Entre julho a agosto houve redução de 1,3% nas cotações das variedades Fuji e Gala. A maçã Gala que vinha de valorização nos preços entre junho e julho chega em setembro com perspectivas de desvalorização de 2,3% nas cotações.

Na região de Vacaria (RS), a quantidade de frutas miúdas e o escoamento para exportação não foram suficientes para manter a valorização ocorrida entre junho e julho. Entre julho e agosto a maçã Fuji desvalorizou 1,5%, enquanto a Gala desvalorizou 5,0%. A perspectiva para setembro é de recuperação nas cotações com redução dos estoques e aumento relativo na demanda.



**Figura 3. Maçã – Exportações de SC e RS – nos oito primeiros meses de 2018, 2019, 2020 e 2021**

Fonte: Comexstat/MDIC.

Entre janeiro e agosto de 2021 a exportação brasileira de maçãs foi de US\$73,69 milhões com um volume de 70,82 mil toneladas da fruta. Entre 2018 e 2021, o Brasil apresentou crescimento de 12,1% no valor das exportações, mas, com redução de 10,5% no volume exportado da fruta. Com o câmbio favorável à exportação e a demanda interna retraída, com medidas de controle da pandemia e recessão na economia, a estratégia está sendo a de escoar parte da produção para o mercado externo.

Em 2021, o estado do Rio Grande do Sul participou com 84,6% do valor negociado com aumento de 18,6% e redução de 15,6% do volume das exportações brasileiras entre 2018 e 2021. Enquanto Santa Catarina participou com 14,3% do valores das exportações com redução de 10,8% e aumento de 10,6% do volume das exportações brasileiras entre 2018 e 2021.

**Tabela 1. Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2019/20 e a estimativa atual de 2020/21**

Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa 2019/20			Estimativa atual 2020/21			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produt. média (kg ha <sup>-1</sup> )	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produt. média (kg ha <sup>-1</sup> )	Área colhida (%)	Produção (%)	Produt. média (%)
Joaçaba	2.157	75.178	34.853	2.480	97.312	39.239	14,97	29,44	12,58
Curitibanos	958	31.755	33.147	959	39.655	41.350	0,10	24,88	24,75
Campos de Lages	10.248	380.087	37.089	11.718	459.280	39.194	14,34	20,84	5,68
Outras	112	2.482	22.161	114	2.492	21.860	1,79	0,40	-1,36
<b>Total</b>	<b>13.475</b>	<b>489.502</b>	<b>36.327</b>	<b>15.271</b>	<b>598.739</b>	<b>39.208</b>	<b>13,33</b>	<b>22,32</b>	<b>7,93</b>

A safra 2020/21 catarinense apresentou uma produção 22% maior que a anterior, com frutas de maior calibre e melhor qualidade.

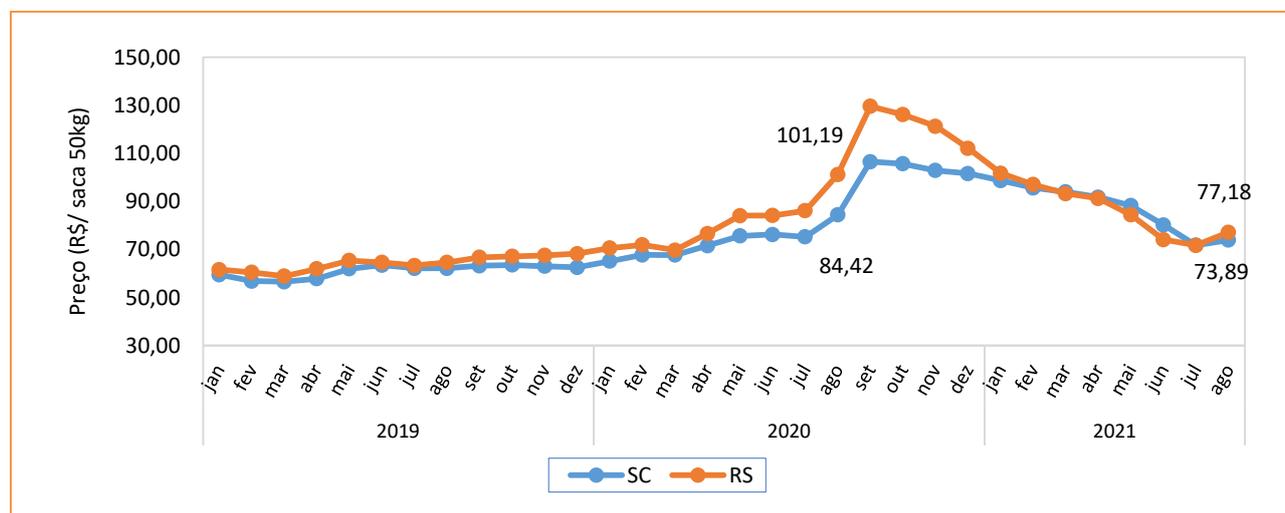
## Grãos

### Arroz

João Rogério Alves  
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
joaoalves@epagri.sc.gov.br

#### Mercado

Em Santa Catarina, os preços médios pagos ao produtor no mês de agosto tiveram alta de 3,85% em relação a julho, fechando o mês em R\$73,89/saca de 50kg. No mercado gaúcho, segundo o Cepea, houve aumento de 7,45% nos preços pagos aos produtores, fechando em R\$77,18/saca de 50kg. Para Santa Catarina, em termos nominais, o preço em agosto de 2021 foi 12,21% superior ao de agosto de 2020. Quando se considera a inflação no período (IGP-DI - base agosto/21), o comportamento do preço médio real foi 12,47% inferior ao praticado em agosto de 2020.



**Figura 1. Arroz irrigado – SC e RS: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2019 a ago./2021)**

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base ago./2021).

Fonte: Epagri/Cepa (SC) e Cepea (RS), set./2021.

A perspectiva para os próximos meses é de manutenção do preço do arroz em patamares elevados. Os fatores que permitem fazer essa afirmação são aspectos conjunturais e climáticos. Com o desemprego em alta e o salário não conseguindo acompanhar os aumentos de combustíveis, energia elétrica e dos alimentos em geral, o cenário para o arroz não é diferente.

A possibilidade de falta de água para o desenvolvimento das lavouras é real e preocupa os produtores. O reduzido volume de chuvas neste início de ciclo agrícola tem comprometido o abastecimento dos reservatórios naturais e dos mananciais hídricos, preocupando os produtores e o setor agroindustrial.

A intenção de plantio do produtor de arroz irrigado leva em consideração a disponibilidade de água, pois não pode faltar água durante a fase de desenvolvimento da cultura. Outro aspecto é o custo de produção, que aumentou muito nesta safra. Em todo país, a crise hídrica tem promovido aumento do preço da energia elétrica. Outro exemplo é a ureia: quando se compara os preços pagos em julho de 2021 e de 2020, verifica-se um aumento da saca do fertilizante de até 110%.

Cabe destacar que durante os anos pré pandemia, o setor passou por uma séria crise, com produtores amargando prejuízos em função dos altos custos de produção e da baixa remuneração pela sua produção.

Neste momento, os produtores têm conseguido rentabilidade com a atividade, em que pese a crescente elevação nos custos de produção.

### Safra

Em todo estado, 52,4% das áreas destinadas ao plantio de arroz irrigado já foram semeadas, com lavouras apresentando bom desenvolvimento vegetativo. Nas demais regiões produtoras, as operações de plantio seguem em ritmo acelerado. No campo, os rizicultores intensificam os trabalhos de preparo de solo para o plantio da safra 2021/22.

Foi registrada pequena redução de área na MRG de Tubarão, decorrente de ajustes de áreas. Nessa região, a pressão do perímetro urbano sobre as áreas de cultivo de arroz tem promovido uma diminuição gradativa de áreas de cultivo. Também foi relatado por técnicos, que alguns produtores estão promovendo rotação de cultura com o objetivo de diminuir a infestação de plantas daninhas. A rotação de cultura tem sido realizada com a lavoura de soja, atividade que tem despertado o interesse de produtores.

Neste mês de setembro, estamos divulgando as estimativas iniciais para a safra 2021/22 de arroz irrigado. Em todo estado, levantamos a intensão de plantio de 147,7 mil hectares de arroz irrigado, o que representa uma redução de 0,41% em relação à área cultivada na safra passada. Quanto à produtividade média, a expectativa é de redução de 1,74%, passando de 8.422kg/ha obtidos na safra passada, para 8.276kg/ha. Como resultado, deveremos ter uma safra 2,14% menor, com uma produção de 1,22 milhão de toneladas.

**Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo das safras 2020/21 e 2021/22**

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa Inicial Safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	512.719	8.713	58.848	493.325	8.383	0,00	-3,78	-3,78
Blumenau	7.115	60.701	8.531	7.115	62.208	8.743	0,00	2,48	2,48
Criciúma	21.828	191.735	8.784	21.828	183.475	8.405	0,00	-4,31	-4,31
Florianópolis	1.895	11.333	5.981	1.895	11.908	6.284	0,00	5,07	5,07
Itajaí	9.461	74.895	7.916	9.461	76.294	8.064	0,00	1,87	1,87
Ituporanga	171	1.539	9.000	170	1.530	9.000	-0,58	-0,58	0,00
Joinville	18.232	146.238	8.021	18.382	151.132	8.222	0,82	3,35	2,50
Rio do Sul	10.695	92.338	8.634	10.652	96.164	9.028	-0,40	4,14	4,56
Tabuleiro	132	877,8	6.650	132	924	7.000	0,00	5,26	5,26
Tijucas	2.164	15.780	7.292	2.164	15.985	7.387	0,00	1,30	1,30
Tubarão	17.738	140.697	7.932	17.023	129.158	7.587	-4,03	-8,20	-4,35
<b>Santa Catarina</b>	<b>148.279</b>	<b>1.248.853</b>	<b>8.422</b>	<b>147.670</b>	<b>1.222.102</b>	<b>8.276</b>	<b>-0,41</b>	<b>-2,14</b>	<b>-1,74</b>

Fonte: Epagri/Cepa, set./2021.

A Conab ainda não divulgou suas estimativas para a próxima safra de verão. No entanto, no último dia 09 de setembro, a Emater/RS divulgou números iniciais para a safra 2021/22 de arroz irrigado do Rio Grande do Sul, principal estado produtor do grão, responsável 56,4% da área total cultivada com arroz no país. Segundo a entidade, a área cultivada com arroz irrigado nessa safra deverá diminuir 0,49%, passando de 948,7 mil hectares para 943,9 mil hectares. A boa produtividade alcançada na safra passada não deverá se repetir. A expectativa é que reduza 8,16%, passando de 8.702kg/ha para 7.992kg/ha. Com isso a produção total deverá diminuir 8,61%, passando de 8,3 milhões de toneladas para 7,5 milhões de toneladas.

## Feijão

João Rogério Alves  
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)

### Mercado

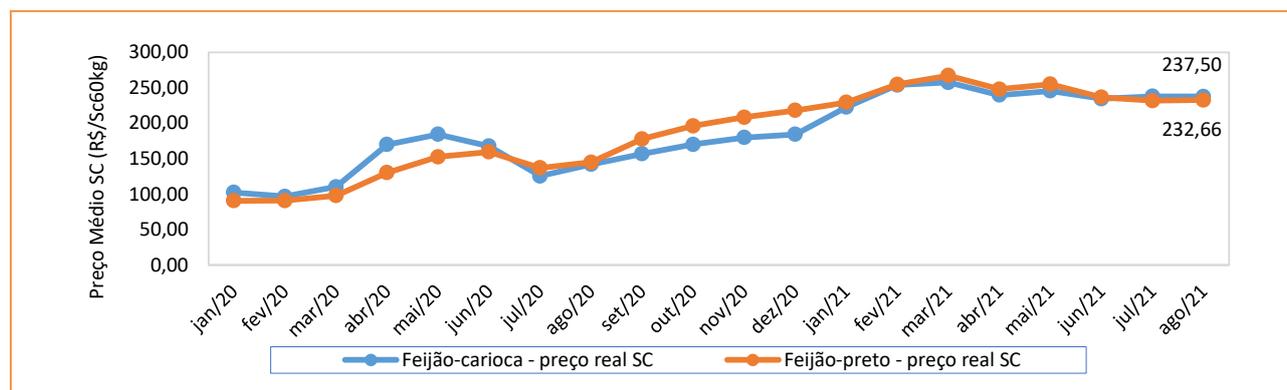
O preço médio pago aos produtores catarinenses de feijão-carioca em agosto permaneceu inalterado em relação a julho, fechando a média mensal em R\$237,50/sc 60kg. Já para o feijão-preto, os preços tiveram um aumento de 0,55% no último mês, fechando a média de julho em R\$232,66/sc 60kg. No mercado paranaense, foi observado um incremento significativo de 7,24% nos preços médios mensais para o feijão-carioca, fechando em R\$272,26/sc 60kg.

**Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)**

Estado	Tipo	Ago./21	Jul./21	Varição mensal (%)	Ago./20	Varição anual (%)
<b>Santa Catarina</b>	Feijão-carioca	<b>237,50</b>	<b>237,50</b>	<b>0,00</b>	<b>181,96</b>	<b>30,52</b>
Paraná		272,26	253,88	7,24	192,69	41,29
Mato Grosso do Sul		259,32	264,23	-1,86	203,14	27,66
Bahia		277,56	270,57	2,58	206,89	34,16
São Paulo		298,01	288,05	3,46	222,00	34,24
Goiás		280,30	269,46	4,02	214,89	30,44
<b>Santa Catarina</b>	Feijão-preto	<b>232,66</b>	<b>231,39</b>	<b>0,55</b>	<b>185,56</b>	<b>25,38</b>
Paraná		241,44	233,03	3,61	225,37	7,13
Rio Grande do Sul		250,70	225,10	11,37	229,98	9,01

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), set./2021.

Para uma melhor comparação da remuneração real dos produtores de feijão-preto e de feijão-carioca ao longo de um determinado período, é necessário que seja considerado o efeito da inflação. Para a análise da evolução dos preços médios mensais pagos ao produtor de Santa Catarina, no período de janeiro de 2020 a agosto de 2021, os preços foram deflacionados pelo Índice Geral de Preços–Disponibilidade Interna (IGP-DI). Ao compararmos os preços de agosto de 2021 e 2020, podemos verificar que, em valores reais, os preços pagos aos produtores estão 67,3% superior para o feijão-carioca e, 60,7% para o feijão-preto.



**Figura 1. Feijão – Santa Catarina: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2020 a ago./2021)**

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base ago./2021).

Fonte: Epagri/Cepa (SC), agosto/2021.

A nova safra 2021/22 de feijão 1ª safra iniciou na Região Sul do país com estimativas de redução na área plantada. No estado do Paraná, segundo dados do Deral/PR, a área destinada ao plantio desta safra deverá passar de 151,3 mil hectares para 143,9 mil hectares, redução de 4,9%. Para o Rio Grande do Sul, segundo

dados da Emater/RS, a diminuição na área semeada deverá chegar a 10,9%, passando de 39,3 mil hectares para 35,0 mil hectares. A redução de área na Região Sul certamente promoverá impactos no mercado do feijão, com perspectivas de manutenção dos preços nos atuais patamares.

### Safra Catarinense

A safra 2021/22 de feijão 1ª safra já iniciou em Santa Catarina e nas regiões mais quentes do estado as operações de plantio avançam rapidamente. Em todo estado 3,74% da área total de feijão 1ª safra já foi semeada. No campo, as condições de lavoura são consideradas boas. Nas últimas semanas, a ocorrência de chuvas intercaladas com períodos de menor precipitação, tem favorecido o desenvolvimento da cultura e a evolução das operações de plantio. Nas Microrregiões Geográficas (MRG's) de Ituporanga e Rio do Sul, cerca de 45% das lavouras já foram semeadas. Nas MRG's de Araranguá, Criciúma e Tubarão, o cultivo já está efetivado em cerca de 40% da área destinada a cultura.

Nas regiões mais frias do estado, os plantios ainda não iniciaram. Nas MRG's de Canoinhas, São Bento do Sul, São Miguel do Oeste, Chapecó e Xanxerê, o plantio da safra de feijão 1ª safra normalmente tem início a partir da segunda quinzena de setembro, considerando que a janela de plantio para essa cultura vai de setembro a dezembro e a semeadura das áreas maiores ocorre em setembro.

Para as MRG's de Curitibaanos, Joaçaba e Campos de Lages, as operações de plantio devem iniciar a partir da segunda quinzena de outubro, normalmente sobre a palhada do trigo. Muitos produtores optam por semear mais tardiamente o feijão porque nessa região, a ocorrência de variações bruscas de temperaturas, assim como geadas tardias são bastante comuns e normalmente prejudicam a germinação das sementes.

Em relação as estimativas de área plantada, produção e rendimento médio das lavouras, os bons preços praticados atualmente, assim como a necessidade de promover a rotação de culturas nas áreas de lavouras, são fatores que motivam os produtores a investir na cultura. Nesta safra 2021/22, deverá ocorrer uma redução de 5% na área plantada em relação à safra anterior, que está estimada em 31,3 mil hectares.

Quanto a produtividade média, as estimativas apontam para um crescimento de 28%. É importante destacar que a safra 2020/21 de feijão 1ª safra, foi severamente prejudicada pelas condições climáticas. No início da safra, a estiagem que perdurou até a primeira quinzena de dezembro de 2020 prejudicou o desenvolvimento das lavouras de feijão em todo estado. Num segundo momento, a partir da segunda quinzena de dezembro até final de janeiro, o excesso de chuvas atingiu muitas lavouras no período de maturação e colheita.

Assim, para a safra 2021/22 de feijão 1ª safra recém iniciada, é esperado que as lavouras alcancem uma produtividade média acima dos 2.100kg/ha. Considerando que a safra transcorra normalmente, sem a ocorrência de eventos climáticos extremos prejudiciais ao desenvolvimento da cultura, a expectativa de técnicos e produtores é de que deveremos ter um aumento de 21% na produção, chegando a 68,4 mil toneladas.

**Tabela 2. Feijão 1ª – Comparativo de safra 2020/21 e estimativa inicial safra 2021/22**

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa Inicial – Safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtiv.
Campos de Lages	6.500	12.772	1.965	6.500	12.778	1.966	0	0	0
Canoinhas	7.450	8.767	1.177	6.650	17.180	2.583	-11	96	120
Chapecó	1.772	2.123	1.198	1.866	4.121	2.209	5	94	84
Curitibaanos	4.310	10.146	2.354	4.060	8.922	2.198	-6	-12	-7
Joaçaba	2.885	5.113	1.772	2.860	5.722	2.001	-1	12	13
Xanxerê	4.874	10.759	2.207	4.967	11.536	2.323	2	7	5
Outras MRG's	5.316	6.826	1.284	4.430	8.165	1.843	-17	20	44
<b>Santa Catarina</b>	<b>33.107</b>	<b>56.507</b>	<b>1.707</b>	<b>31.333</b>	<b>68.424</b>	<b>2.184</b>	<b>-5</b>	<b>21</b>	<b>28</b>

Fonte: Epagri/Cepa (SC), set./2021.

## Milho

Haroldo Tavares Elias  
 Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa  
[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

Anualmente a Epagri/Cepa faz o lançamento da estimativa de produção para as principais culturas de verão produzidas em Santa Catarina. Nesta edição do Boletim estão apresentados os prognósticos iniciais da área, produção e rendimento da cultura do milho para o ciclo 2021/22. Problemas em série ocorridos na última safra vêm tendo desdobramentos em toda a cadeia produtiva do agronegócio catarinense. Nos âmbitos nacional e regional a seca reduziu a produção de milho da segunda safra. No mercado internacional a elevação do consumo associado a pandemia e a preocupação com a segurança alimentar, ampliaram a incerteza e a disputas nos mercados internacionais. Neste contexto os produtores estão iniciando o plantio da nova safra apostando num resultado positivo já que cada safra tem suas particularidades.

### Safra 2021/22

O prognóstico para a nova safra de milho no estado aponta para uma recuperação da produção, após a safra 2020/21 que apresentou uma redução de cerca de 30% em relação a safras anteriores alcançando 1,8 milhão de toneladas, sendo a menor safra da série histórica. Para a safra que se inicia, 2021/22 a produção está sendo estimada em 2,7 MT, restabelecendo assim a produção média das últimas safras. Algumas regiões, como São Miguel do Oeste e Concórdia retomam parte das áreas de milho grão que, devido a estiagem, haviam migrado para silagem durante a safra anterior. A área cultivada no estado se estabiliza em 325 mil hectares.

**Figura 1. Milho – Estimativa inicial e comparativo de área, produção e rendimento de milho grãos por Microrregião geográfica e totalização do estado – Safras 2020/21 e 2021/22**

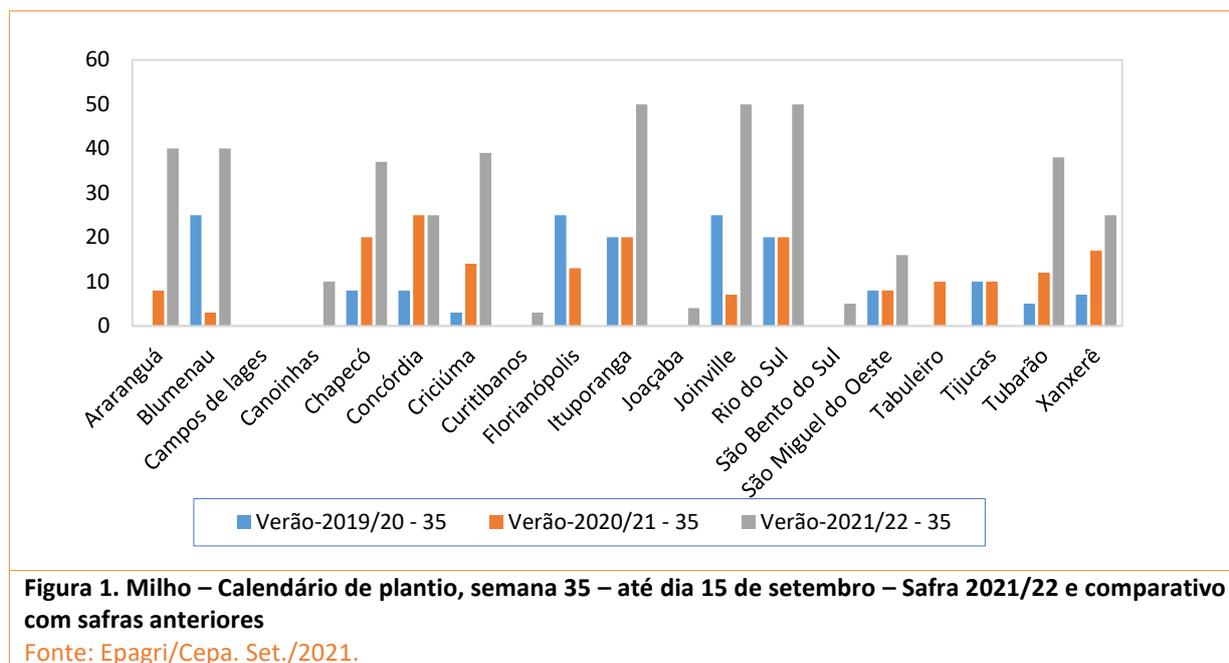
MRG	Safra 2020/21			Safra 2021/22			Variação %		
	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quantidade (t)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quantidade (t)	Área	Quant.	Prod.
Araranguá	7.759	6.191	48.039	7.786	6.680	52.009	0,3	7,9	8,3
Campos de Lages	34.520	6.346	219.050	33.820	6.370	215.450	-2,0	0,4	-1,6
Canoinhas	33.000	8.119	267.940	33.850	9.491	321.270	2,6	16,9	19,9
Chapecó	42.919	3.620	155.374	39.913	8.664	345.794	-7,0	139,3	122,6
Concórdia	13.170	4.357	57.388	21.750	7.567	164.574	65,1	73,6	186,8
Criciúma	7.086	6.531	46.280	7.109	6.820	48.481	0,3	4,4	4,8
Curitibanos	27.065	7.211	195.176	26.530	10.485	278.178	-2,0	45,4	42,5
Ituporanga	10.550	7.102	74.924	10.170	7.732	78.636	-3,6	8,9	5,0
Joaçaba	65.715	4.575	300.649	62.010	8.230	510.335	-5,6	79,9	69,7
Rio do Sul	18.830	6.964	131.126	19.030	7.105	135.216	1,1	2,0	3,1
São Bento do Sul	3.700	7.630	28.230	3.800	8.711	33.100	2,7	14,2	17,3
São M. do Oeste	16.821	3.633	61.109	25.070	8.538	214.044	49,0	135,0	250,3
Tubarão	5.015	6.158	30.881	4.753	6.277	29.834	-5,2	1,9	-3,4
Xanxerê	27.620	5.927	163.697	26.080	9.895	258.055	-5,6	67,0	57,6
Outras regiões	6.461	4.700	30.369	4.210	5.979	25.172	-34,8	27,2	-17,1
<b>Total geral</b>	<b>320.231</b>	<b>5.652</b>	<b>1.810.231</b>	<b>325.881</b>	<b>8.316</b>	<b>2.710.149</b>	<b>1,8</b>	<b>47,1</b>	<b>49,7</b>

Fonte: Epagri/Cepa, set./2021.

Quanto a segunda safra, a área de cultivo está em torno de 20 mil hectares, com levantamento no final de janeiro de cada ano. Cabe salientar que o cultivo de milho para produção de silagem é levantado em separado e está estimado em cerca de 220 mil hectares para a nova safra.

### Calendário de plantio Safra de verão de 2021/22

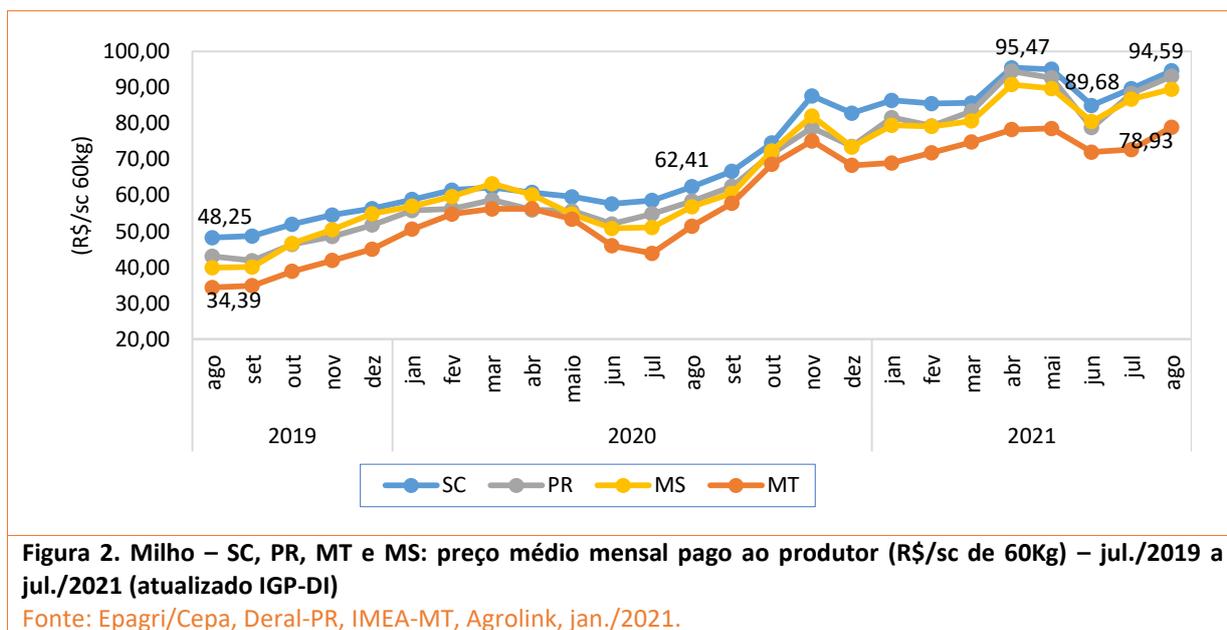
A implantação da nova safra já iniciou, sendo que algumas regiões já estão com as lavouras em fase inicial de desenvolvimento, principalmente as do litoral e do alto vale do Itajaí, cujo zoneamento agroclimático permite o plantio a partir da segunda quinzena de agosto. Nessas regiões cerca de 50% da área prevista foram plantadas. Já, as regiões do Oeste registram mais de 25% da área semeada até 15 de setembro. Em relação as duas safras anteriores, a fase de plantio da atual safra se encontra mais adiantada (Figura 1). A princípio, esta fase importante do estabelecimento das lavouras está dentro da normalidade, com áreas com boa germinação e estabelecimento inicial das lavouras.



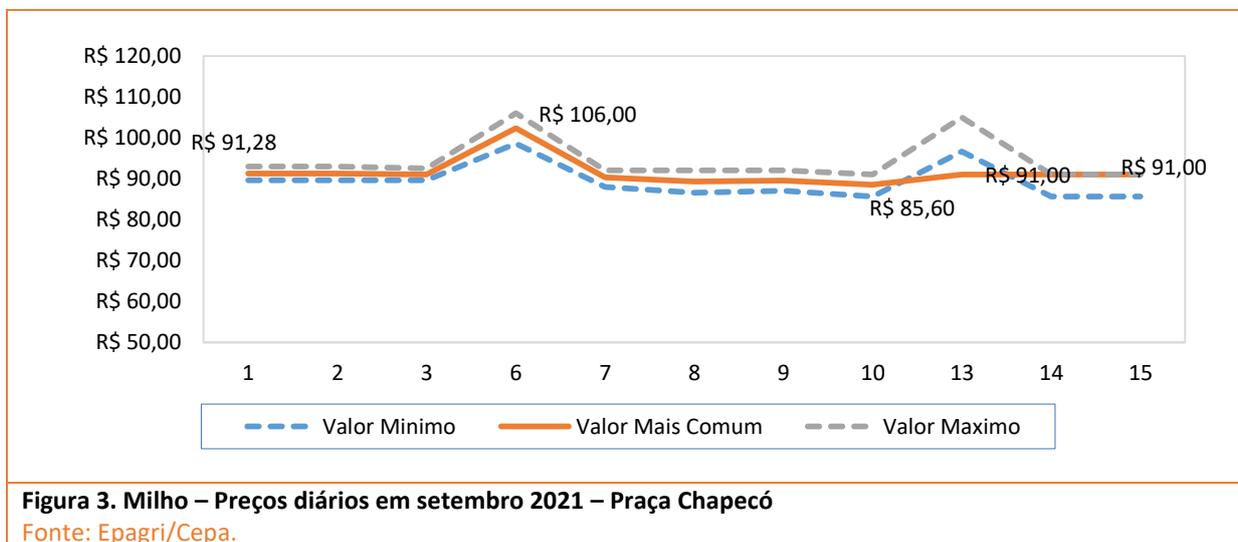
### Preços

Em Santa Catarina, após apresentarem queda (na média mensal de junho), os preços ao produtor retomam posições em agosto de R\$94,59/sc (Figura 2) e se mantém fortalecidos em plena colheita. Em relação a agosto de 2020 a variação dos preços foi superior em 94% ocorrendo comportamento semelhante nos demais estados. **Entre os fatores que continuam influenciando a elevação dos preços** estão: a redução significativa da produção na segunda safra no Brasil e a demanda da China pelo cereal. **Como fatores que podem influenciar a baixa estão:** o volume das importações até agosto e o ritmo do consumo interno. Os fatores que estão prevalecendo são os que influenciam a alta das cotações, em especial os baixos níveis de estoques internos.

- A paridade das importações de milho da Argentina e Paraguai deverá servir como base dos preços internos.
- Em função da menor disponibilidade interna do produto, as cotações devem permanecer elevadas até fim do ano, quando comparado a média dos anos anteriores.
- Em se tratando de mercado de lotes/disponível, nos 9 dias úteis no mês de setembro, a média levantada pela Esalq/Cepea (Campinas, SP) é de R\$97,02/sc, oscilando entre R\$96,16/sc e R\$ 98,32/sc. Os preços médios parciais de setembro em Santa Catarina só são menores que os de regiões paulistas e de Recife/PE.

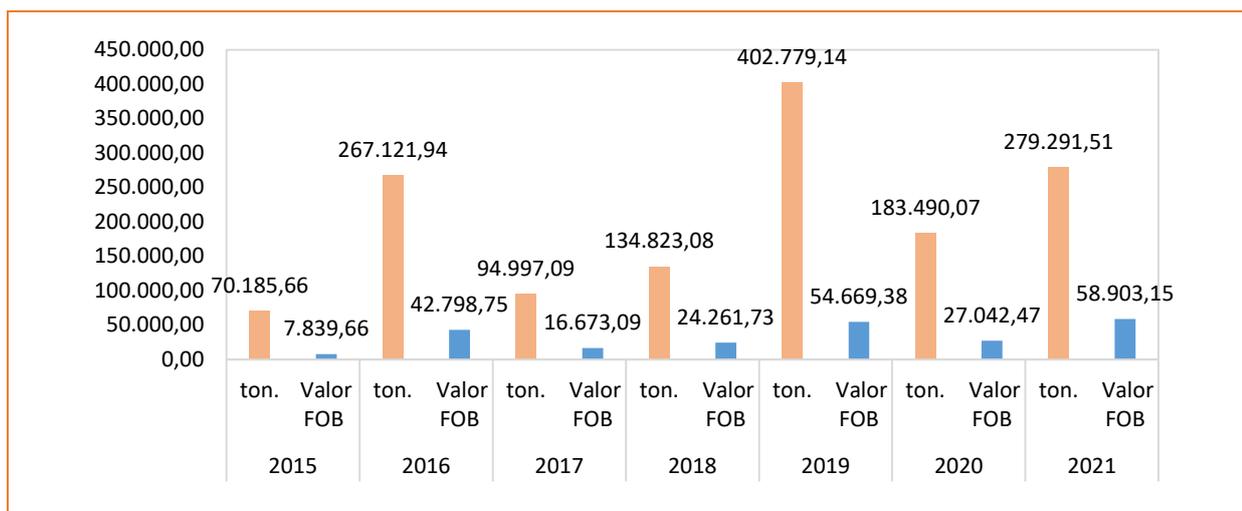


Em relação ao comportamento dos preços diários pagos ao produtor na praça Chapecó em setembro, foram registradas variações significativas, a oscilação entre valor máximo e mínimo foi de R\$106,00 e R\$85,00. No entanto os preços mais comuns registrados estão entre R\$90,00 e R\$100,00.



### Importações por Santa Catarina

As importações de milho por Santa Catarina em 2021 tiveram um crescimento de 52,2% em relação a 2020. Isto reflete a baixa disponibilidade interna do produto, em função da forte retração da produção da safra passada. A quantidade importada só é menor do que a de 2019, no entanto, em termos de valor FOB/tonelada, em 2021 (U\$210,90/t) foi superior ao registrado em 2019 (U\$135,72/t), ou seja, foi necessário dispendir o montante de 58,90 milhões de dólares com importação de milho até agosto de 2021.



**Figura 4. Milho – Evolução das importações de milho grãos por Santa Catarina de janeiro a agosto – Em toneladas e Valor FOB (1.000 U\$)**

Fonte: ME. Secex, set./2021.

### Estimativas da Safra Nacional de milho

Na consolidação das três safras no Brasil<sup>1</sup>, a estimativa no relatório de setembro da CONAB reduz novamente a produção, agora está em 85,7 milhões de toneladas, representando redução de 16,4%, em relação ao alcançado na safra anterior<sup>2</sup>. Diante dos ajustes citados, o estoque final esperado ao fim do ano-safra 2020/21 é de 5,8 milhões de toneladas, redução de 45,3% em comparação à safra anterior. Esse ajuste ocorre diante da constatação em campo de uma significativa redução de produtividade de 27% na segunda safra, comparada ao ano anterior (2020/21). No relatório de setembro não foi divulgado a estimativa inicial da safra nacional de 2021/22.

### Mercado Mundial<sup>3</sup>

No relatório de setembro do USDA, consta que as principais ofertas de exportação diminuíram. As ofertas brasileiras caíram US\$9/t, alcançando \$258/t e as ofertas da Argentina caíram \$10 /t, para \$230 na pressão de colheita. Ofertas ucranianas caíram US\$3/t para US\$265 em meio à expectativa de uma safra recorde. As ofertas dos EUA caíram US\$9/t passando para US\$267 com a fraca demanda externa. Após o furacão Ida a Guarda Costeira dos EUA abriu o baixo rio Mississippi para todo o tráfego de navios, mas as operações do elevador continuam a ser severamente prejudicadas.

<sup>1</sup> A primeira safra é a de verão (centro sul), a segunda está mais concentrada no Centro Oeste e a terceira no Nordeste/norte.

<sup>2</sup> Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.8 – safra 2020/21, nº12 – décimo segundo levantamento | set. 2021.

<sup>3</sup> USDA, Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 27 september 2021.

## Soja

Haroldo Tavares Elias  
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa  
[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

### Safra 2021/22

Nos últimos 20 anos estão sendo incorporados anualmente à produção da soja no Brasil mais de um milhão de hectares. Santa Catarina também acompanhou esta dinâmica incorporando mais de 450 mil hectares de área de cultivo nos últimos 20 anos. Além da demanda internacional, a forte expansão no cultivo da soja no Brasil está associada com a implantação de políticas públicas de crédito rural, a desoneração de insumos agroquímicos, fertilizantes, sementes, entre outros. O investimento público em pesquisa agropecuária potencializou o desenvolvimento da soja com cultivares adaptadas às diversas regiões brasileiras. O cenário construído pela pesquisa e desenvolvimento nacional pavimentou o caminho para que o país pudesse se tornar o principal produtor e exportador mundial atendendo demanda crescente, sobretudo da China. Para a safra 2021/22 a estimativa inicial é de um aumento de 4% da área cultivada no estado em relação à safra anterior. A recuperação da produtividade aliada ao aumento da área, deverá elevar a produção em 12,2%, alcançando assim cerca de 2,55 milhões de toneladas. Este prognóstico se refere a primeira safra, de verão. Desde 2020 o acompanhamento da safra realizado pela Epagri/Cepa separou as estimativas da primeira e segunda safras de soja no estado. Na safra anterior foram cultivados cerca de 42 mil hectares na segunda safra. Portanto, considerando a projeção, incluindo a área de cultivo da segunda safra, poderemos ter cerca de 725 mil hectares cultivados com a oleaginosa no estado. O zoneamento agroclimático para a maioria das regiões do estado indica o início da semeadura em 15 de outubro. Algumas regiões se destacam no aumento de área, como é o caso de Concórdia e Chapecó, cuja elevação da área se justifica pela transferência (substituição) de pequenas áreas de milho grão para soja em função da insegurança em relação a ocorrência de cigarrinha e estiagens. Em Tubarão, a expansão do cultivo de soja se deve ao plantio em áreas de arroz, motivado pelos bons preços da soja e pelo manejo do solo e da rotação de cultura. A expansão em áreas novas também ocorre em várias regiões. Na região de Campos de Lages, aonde vem ocorrendo um crescimento contínuo de áreas cultivadas com grãos, as estimativas de área cultivada deverão ser atualizadas no próximo mês, uma vez que nesta região o calendário de plantio é mais tardio. As estimativas (Tabela 1) se referem as estimativas iniciais e são atualizadas todos os meses pela equipe da Epagri-Cepa ao longo da safra.

**Tabela 1. Soja – Santa Catarina: área de cultivo, produção e produtividade na safra 2020/21 e comparativo com a safra 2021/2022 – Relatório de setembro, 2021 – Estimativa inicial da safra de verão/primeira safra**

MRG	Safra 2020/21			Safra 2021/22			Variação %		
	Área (ha)	Quant (t)	Produt. (kg/ha)	Área (ha)	Quant. (t)	Produt. (kg/ha)	Área	Quant.	Prod.
Araranguá	730	2.265	3.103	740	2.511	3.393	1,4	9,3	10,8
Campos de Lages	67.930	227.984	3.356	67.930	228.704	3.367	0,0	0,3	0,3
Canoinhas	140.600	469.310	3.338	146.200	551.156	3.770	4,0	12,9	17,4
Chapecó	78.620	239.321	3.044	85.490	290.121	3.394	8,7	11,5	21,2
Concórdia	6.170	21.501	3.485	7.415	28.241	3.809	20,2	9,3	31,3
Criciúma	4.440	14.318	3.225	4.440	15.505	3.492	0,0	8,3	8,3
Curitibanos	111.220	434.811	3.909	113.495	470.988	4.150	2,0	6,1	8,3
Ituporanga	8.350	27.593	3.305	8.780	32.244	3.672	5,1	11,1	16,9
Joaçaba	53.070	188.524	3.552	56.132	210.364	3.748	5,8	5,5	11,6
Rio do Sul	5.695	18.425	3.235	5.970	20.718	3.470	4,8	7,3	12,4
São Bento do Sul	11.800	35.070	2.972	12.400	42.380	3.418	5,1	15,0	20,8
São Miguel do Oeste	34.515	111.894	3.242	37.248	141.693	3.804	7,9	17,3	26,6
Tubarão	650	1.911	2.940	1.450	4.870	3.358	123,1	14,2	154,8
Xanxerê	133.273	483.858	3.631	135.643	516.072	3.805	1,8	4,8	6,7
<b>Total Geral</b>	<b>657.063</b>	<b>2.276.786</b>	<b>3.465</b>	<b>683.333</b>	<b>2.555.566</b>	<b>3.740</b>	<b>4,0</b>	<b>7,9</b>	<b>12,2</b>

Fonte: Epagri/Cepa, Sistema de Informações Agropecuária.

### Preços

A valorização cambial, a alta dos prêmios nos portos para exportação, os baixos estoques das indústrias brasileiras e a firme demanda doméstica elevaram os preços da soja em agosto em cerca de 4,5% em relação a junho (60 dias). Os preços praticados nos diferentes estados analisados estão próximos desde o início do ano (Figura 1), o que diferencia é a logística até os portos ou unidade de esmagamento.

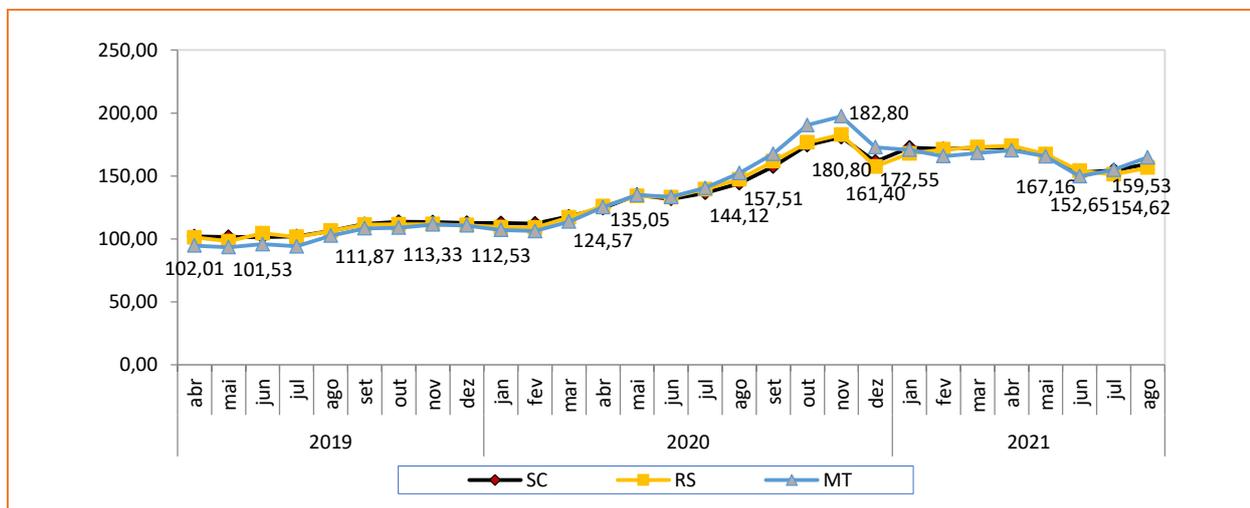
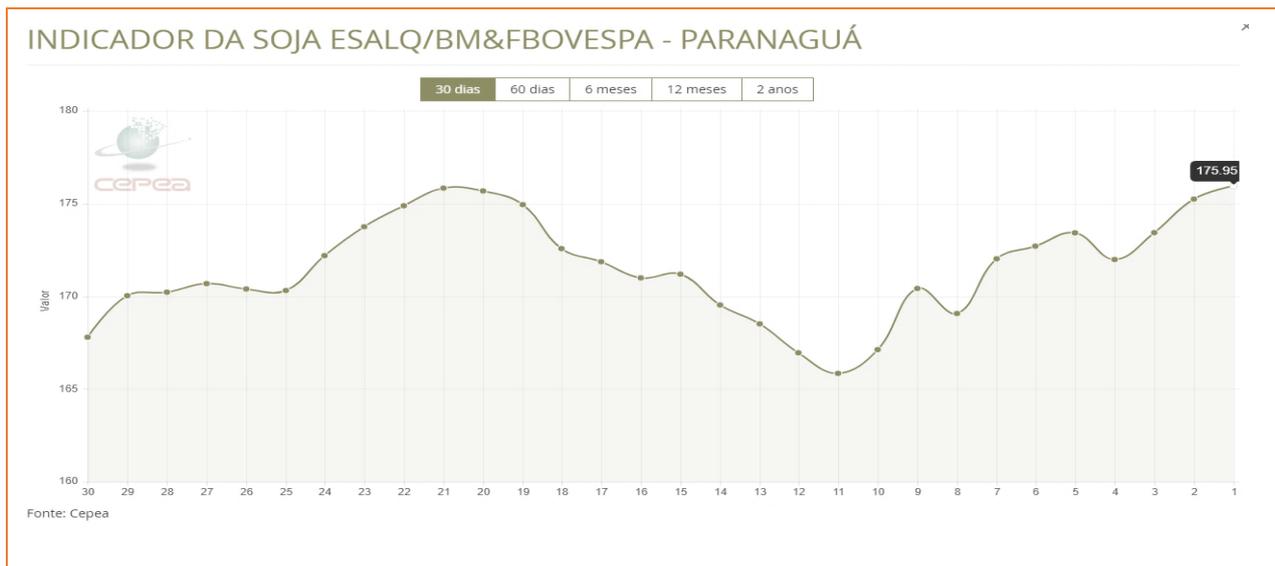


Figura 1. Soja em grão – Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor – 2019-21 (corrigidos pelo IGP-DI, 2021)

Fonte: Epagri/Cepa, Deral – PR, IMEA-MT e Agrolink (MT).

No entanto, houve grandes oscilações de mercado nos últimos 30 dias, associados ao câmbio e a expectativa da nova safra dos EUA. O dólar seguiu se valorizando frente ao real em setembro, e esse cenário sustentou as altas nos preços da soja em grão no mercado interno no mês (Cepea, ago./2021). Assim, além da demanda firme, a baixa disponibilidade da oleaginosa nos mercados doméstico e internacional também influenciou os avanços nos preços domésticos desde início de setembro.

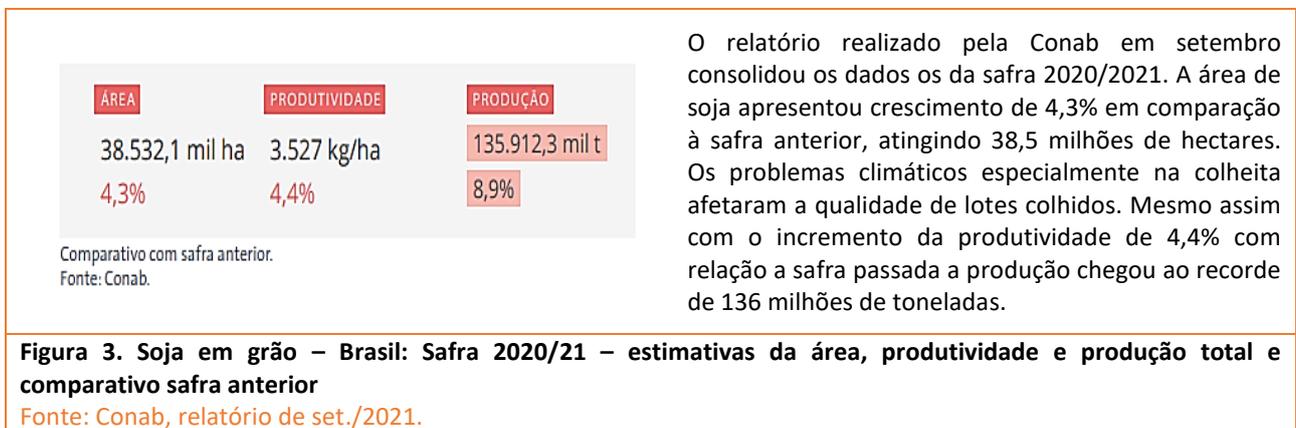


**Figura 2. Soja em grão – Preços: preço médio diário ESALQ/BM&FBOVESPA – Paranaguá (a cotação R\$175,95/sc se refere ao dia 16/09/2021)**

Fonte: Esalq, CEPEA.

### Safra Nacional

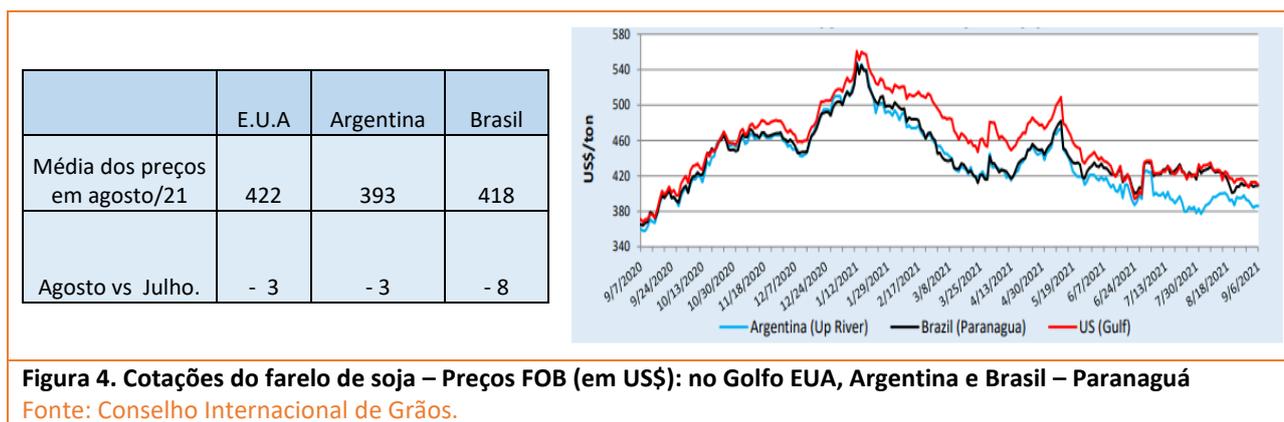
As informações oficiais da estimativa da safra nacional para o próximo ciclo não foram divulgadas até dia 20 de setembro, mas há uma projeção de que continue o aumento da área cultivada de soja para a próxima safra 2021/2022. Caso confirme esta tendência, a área total cultivada de soja no Brasil deverá alcançar um total de 40 milhões de hectares, contra 38,5 milhões na última safra (2020/2021) (Figura 3).



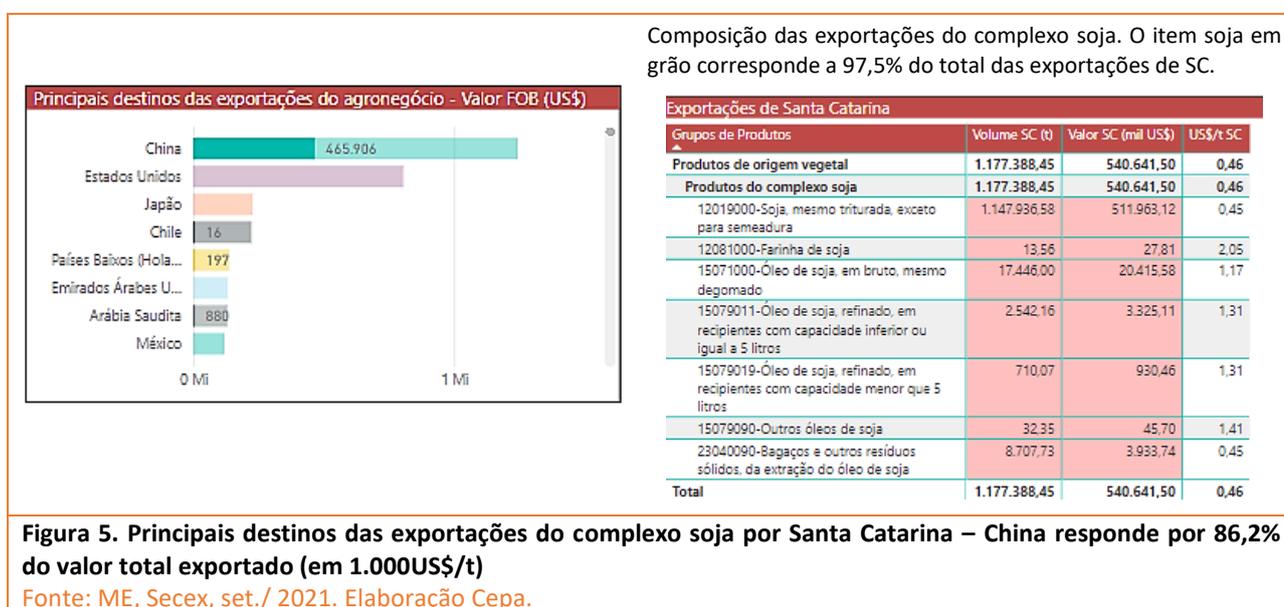
### Mercado Internacional<sup>4</sup>

No relatório de setembro o USDA ressalta a queda dos preços do farelo de soja em agosto, refletindo a tendência de queda dos preços da soja no mercado internacional no período. Os preços do Brasil (do farelo) caíram para melhorar a competitividade com as exportações da Argentina. Em setembro os preços historicamente recuam, em função da colheita da safra nos EUA.

<sup>4</sup> USDA. Oilseeds: World Markets and Trade. Foreign Agricultural Service/ 3 September 2021.



Exportações do complexo soja por Santa Catarina em 2021 (de janeiro a agosto)



## Trigo

João Rogério Alves  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
joaoalves@epagri.sc.gov.br

### Mercado

Em setembro, as cotações de balcão (valor pago ao produtor) para o trigo no mercado catarinense tiveram variação positiva de 5,32% em relação ao mês de julho, fechando o preço médio mensal em R\$85,10/saca de 60kg. A variação anual de preços nesse período, em termos nominais, para o mercado catarinense, foi 48,59% superior ao preço médio praticado em agosto de 2020. O comportamento de alta nos preços da saca de trigo, também foram observados nos demais estado acompanhados.

**Tabela 1. Trigo grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg**

Estado	Ago./21	Jul./21	Variação mensal (%)	Ago./20	Variação anual (%)
Santa Catarina	85,10	80,80	5,32	57,27	48,59
Paraná	87,75	81,55	7,60	57,64	52,24
Mato Grosso do Sul	87,25	81,25	7,38	57,50	51,74
Goiás	92,00	88,20	4,31	72,75	26,46
Rio Grande do Sul	82,13	79,29	3,58	56,44	45,52

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, GO e RS), set./2021.

Os fatores que influenciaram essa elevação nas cotações do trigo são, fundamentalmente, o aumento da procura pelo cereal por parte dos moinhos e o aumento na demanda pelo mercado consumidor fez com que os compradores voltassem ao mercado. Outro fator importante foi o aumento das aquisições de farelo de trigo por parte das indústrias de rações, aspecto que também puxou os preços do trigo para cima.

Com a proximidade da colheita da nova safra a partir de setembro, é esperado uma maior movimentação do mercado com a aquisição de volumes maiores. As geadas no início da safra e a estiagem que ocorreu de forma mais intensa em algumas regiões, não chegaram a atrapalhar o desenvolvimento das lavouras. A expectativa é de uma safra cheia e com produto de boa qualidade.

Segundo dados do Cepea/Esalq, para os derivados do trigo, a maioria das farinhas apresentou alta nos preços em agosto. A farinha de panificação apresentou alta de 1,5% e a farinha para bolacha salgada, alta de 0,9%. Já as farinhas destinadas para massas em geral e massas frescas se desvalorizaram 2,4% e 2,1%, respectivamente. Quanto ao farelo, as cotações avançaram de forma expressiva em agosto, 5,5 % para o produto a granel e 5,1% para o ensacado.

### Safra

Em Santa Catarina, até a última semana de agosto, cerca de 48% da área destinada ao plantio de trigo já havia alcançado a fase de floração. Nas demais áreas, as lavouras encontram-se em fase de desenvolvimento vegetativo. Quanto às condições de lavoura, 100% delas foram classificadas com boa. As boas condições climáticas tem proporcionado uma boa sanidade das plantas.

Na análise regional destacamos que, na Região de São Miguel do Oeste, o baixo volume de chuvas nas últimas semanas de agosto promoveu o alongamento do ciclo da cultura ao mesmo tempo em que favoreceu a redução de doenças. A expectativa é de boa produção das lavouras. Já na região de Xanxerê, a redução no volume de chuvas contribuiu para o bom desenvolvimento da cultura, principalmente no estágio final de emborrachamento e plena floração.

No Planalto Norte do estado, a maioria das área de cultivo de trigo alcançou a fase de floração na última semana de agosto. O desenvolvimento vegetativo e as condições fitossanitárias estão ótimos, com perspectiva de uma safra cheia, desde que as condições climáticas se mantenham estáveis. Situação semelhante acontece para a região de Campos Novos e Curitibanos, onde as primeiras áreas implantadas estão entrando na fase de floração.

Em todo estado, nossas estimativas para agosto apontam para um incremento bem superior ao observado inicialmente. Para a nova safra 2021/22, é esperado um aumento de 67% na área de cultivo. Em todas as regiões produtoras deveremos ter aumento na área semeada com trigo. A produtividade média também deverá crescer, sendo esperado um incremento de 15%, passando de 2.954kg/ha obtidos na safra 2020/21, para 3.382kg/ha. Assim, é esperado uma produção 92% superior à obtida na temporada passada, passando de 172 mil toneladas, para 331 mil toneladas. A partir de agora, o clima será fundamental para que as estimativas se confirmem. A expectativa de técnicos e produtores é de uma excelente safra.

**Tabela 2. Trigo grão – Comparativo entre a safra 2020/21 e estimativa da safra 2021/22**

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa Safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtivid. (kg/ha)	Área	Produção	Produt.
Campos de Lages	634	1.285	2.027	2.785	7.635	2.741	339	494	35
Canoinhas	13.300	46.780	3.517	20.100	72.684	3.616	51	55	3
Chapecó	13.493	35.785	2.652	24.132	73.932	3.064	79	107	16
Concórdia	1.121	3.355	2.993	1.810	6.468	3.573	61	93	19
Curitibanos	9.040	29.212	3.231	14.320	59.994	4.190	58	105	30
Ituporanga	781	2.032	2.601	1.980	5.145	2.598	154	153	0
Joaçaba	3.987	9.779	2.453	6.166	23.062	3.740	55	136	52
Rio do Sul	250	605	2.420	1060	2.800	2.642	324	363	9
São Bento do Sul	700	2.310	3.300	1.350	4.790	3.548	93	107	8
São M. do Oeste	4.595	11.870	2.583	6.700	18.490	2.760	46	56	7
Xanxerê	10.531	29.065	2.760	17.450	55.900	3.203	66	92	16
<b>Santa Catarina</b>	<b>58.432</b>	<b>172.079</b>	<b>2.945</b>	<b>97.853</b>	<b>330.900</b>	<b>3.382</b>	<b>67</b>	<b>92</b>	<b>15</b>

Fonte: Epagri/Cepa, set./2021.

## Hortaliças

### Alho

Jurandi Teodoro Gugel  
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandiqugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandiqugel@epagri.sc.gov.br)

A produção catarinense de alho é tradicionalmente produzida por agricultores familiares, que segundo dados do IBGE (2017) somam pouco mais de 3.600 estabelecimentos que se dedicam comercialmente a cultura. Essas pequenas propriedades fazem uso intensivo da mão-de-obra familiar e contratação eventual nos períodos de pico de atividades como no plantio e colheita. Estas, entre outras, são peculiaridades que caracterizam a produção dessa hortaliça como de grande interesse socioeconômico para o estado catarinense. Nesse sentido, é imperioso considerar a necessidade de manutenção e ampliação de políticas públicas em apoio à cadeia produtiva considerando a forte expansão da produção que vem ocorrendo nos estados do centro do país, como Minas Gerais e Goiás, questão que pode afetar a competitividade da cultura em nosso estado.

#### Preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira semana de agosto a R\$13,79/kg, apresentando redução de 4,89% em relação ao início do mês de julho, contudo, fechou o mês de agosto cotado a R\$14,72/kg, representando aumento de 6,74% no mês. No mesmo período, o alho classe 6 passou de R\$15,58/kg para R\$16,40/kg, representando aumento de 5,26%, e o alho classe 7 fechou agosto ao valor de R\$18,00/kg, aumento de 3,68% no mês.

Na primeira semana de setembro os preços no atacado, para todas as classes do alho roxo nacional, tiveram pequena redução de preços em relação ao final do mês de agosto, com variação de 1,58% para o alho classe 5, 2,11% para o alho classe 6 e 2,91% para o alho classe 7.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o alho nobre nacional, classes 4 e 5 apresentaram reduções no preço na primeira semana de agosto, passando de R\$15,50/kg para R\$12,50/kg, representando retração de 19,35%. Porém, ainda durante o mês a hortaliça recuperou o preço, fechando o mês a R\$15,00/kg. Comportamento semelhante ocorreu com o alho classes 6 e 7, que foi comercializado a R\$17,00/kg, no início do mês, baixou para R\$14,50/kg na primeira semana e fechando o mês de agosto a R\$16,00/kg.

#### Produção

A safra catarinense de alho 2021/22 teve a etapa de plantio encerrada no mês de julho e se encontra em pleno desenvolvimento vegetativo. As condições climáticas nas principais regiões produtoras do estado, como Joaçaba e Curitiba estão amplamente favoráveis à cultura. O frio intenso ocorrido no último mês não afetou o desenvolvimento da hortaliça, visto que é própria do período de inverno. Também colaboram positivamente para o bom desenvolvimento das lavouras, as precipitações abaixo das médias históricas. Dessa forma, o ambiente está permitindo um desenvolvimento da cultura em condições fitossanitárias consideradas de boas a ótimas até o momento, sinalizando para uma safra com alta produtividade e qualidade comercial para a hortaliça.

Em relação a área plantada no estado, segundo o acompanhamento sistemático do projeto safras da Epagri/Cepa, cujos dados foram atualizados no mês de agosto, foram plantados 1.758ha, crescimento de 2,32% em relação a estimativa indicada no levantamento realizado no mês de julho. O aumento de 40ha de

área plantada ocorreu no município de Curitibaanos conforme dados do acompanhamento de safras da Epagri/Cepa. Dessa forma Santa Catarina prevê a colheita de 17.949,4 toneladas e rendimento médio esperado de 10.210kg/ha.

### Comércio exterior

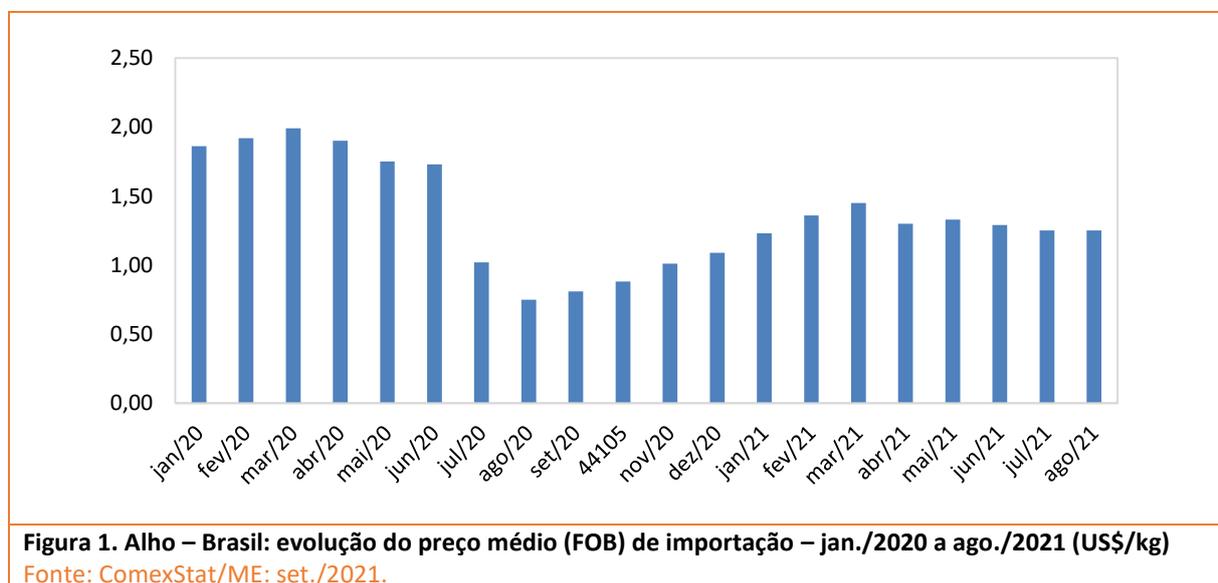
Em agosto de 2021 foram importadas 3,24 mil toneladas de alho, o menor volume de todos os meses dos últimos cinco anos. No período que compreende os meses de janeiro a agosto desse ano, as importações somam 103,34 mil toneladas, enquanto que no mesmo período do ano de 2020 o volume importado foi de 129,44 mil toneladas, redução de 25,25% em relação ao mesmo período do ano passado, conforme apresentado na Tabela 1.

**Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan./2017 a ago./2021 (mil t)**

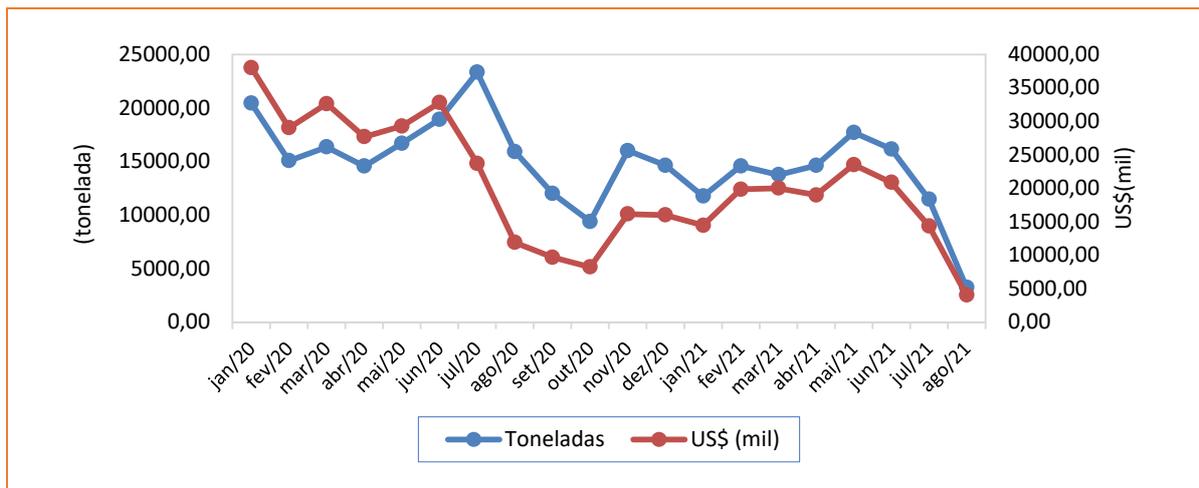
Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	<b>159,20</b>
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	<b>164,81</b>
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	<b>165,43</b>
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	<b>193,51</b>
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	16,15	11,49	3,24	-	-	-	-	<b>103,34</b>

Fonte: Comexstat/ME: set./2021.

Com relação ao preço médio (FOB) do alho importado em agosto, não houve alteração em relação ao mês de julho, mantendo-se em US\$1,25/kg, conforme exposto na Figura 1.



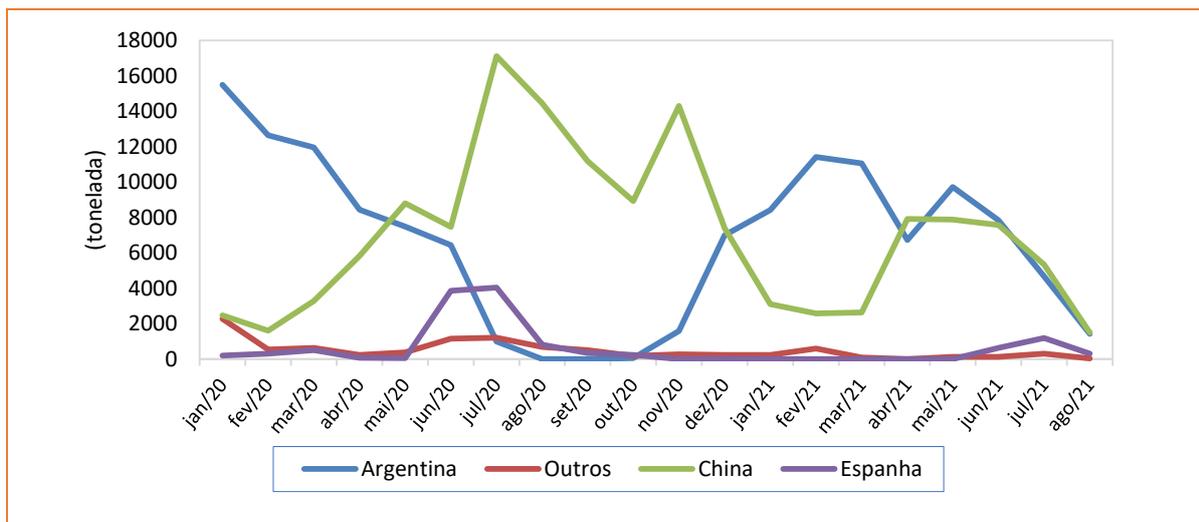
Na Figura 2 apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal pelo Brasil, no período de janeiro de 2020 a agosto de 2021. O desembolso com a importação da hortaliça no mês de agosto/21 foi de US\$4,04 milhões (FOB), redução de 71,83% em relação a julho. O volume importado passou de 11,48 mil toneladas para 4,04 mil toneladas, redução de 28,25% no mesmo período.



**Figura 2. Alho – Brasil: volume (t) e valores (mil US\$) da importação de jan./2020 a ago./2021**

Fonte: ComexStat/ME: set./2021.

Os fornecedores de alho para o Brasil no mês de agosto/21 foram a Argentina, que participou com 1,42 mil toneladas, representando 43,82% do total importado, a China, com 1,49 mil toneladas, 46,0% do total, a Espanha, com 0,3 mil toneladas, 9,25% do total e outros países com 0,024 mil toneladas significando apenas 0,93% do total, como indica Figura 3.



**Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores de jan./2020 a ago./2021 (t)**

Fonte: Comexstat/ME, set./2021.

Como afirmado em edições anteriores, faz-se necessário pautar um plano de apoio para o desenvolvimento da cultura do alho em Santa Catarina. Há no estado um legado histórico na cadeia produtiva da hortaliça seja na área da pesquisa agropecuária, na extensão rural e, principalmente na cultura dos milhares de agricultores estabelecidos nas regiões produtoras catarinenses. Nesse sentido, o desenvolvimento de ações como a implantação da Indicação Geográfica (IG) para o alho catarinense se constitui, entre outras, uma boa referência para impulsionar um projeto para a hortaliça. A IG indica as qualidades ou reputações específicas que diferenciam o alho da região, considerando atributos proporcionados pelos recursos naturais como solo, clima, vegetação e os aspectos culturais humanos e técnicos da região. Convém destacar também que não basta implantar uma IG para o alho em Santa Catarina, se gargalos tecnológicos como a falta de máquinas para plantio e colheita, dentre outras, não forem superados. Outros aspectos como manejo correto do solo, uso de semente de qualidade e livre de vírus são fundamentais para a viabilidade econômica da cultura no estado.

## Cebola

Jurandi Teodoro Gugel  
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandigugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandigugel@epagri.sc.gov.br)

A safra catarinense de cebola se desenvolve amplamente favorecida pelas condições climáticas reinantes até o momento. Apesar de algumas adversidades climáticas mais localizadas, como granizo ou mesmo a estiagem que teve maior abrangência nas regiões produtoras, de forma geral os produtores obtiveram bons resultados em retornos na safra 2020/21, fator relevante na decisão, que leva a cadeia produtiva optar pela implantação de lavouras com bom nível tecnológico, seja no uso de insumos ou no manejo geral da cultura. Sendo assim, em que pese outros fatores que podem afetar o desempenho produtivo da cultura, Santa Catarina deve manter a posição de maior produtor nacional de cebola, com área plantada na safra 2021/22 de 17.458ha e uma produção estimada de 499.650 toneladas.

### Preços e mercado

O abastecimento do mercado nacional de cebola nos últimos meses foi bancado pela produção das regiões de São Paulo, Cerrado e Triângulo Mineiro. Em função da boa produção e produtividade, a oferta da hortaliça no mês de agosto pode ser considerada elevada. Com isso, os preços se mantiveram em patamares abaixo dos custos médios de produção, especialmente nas regiões produtoras de São Paulo.

Em agosto, segundo a revista HF Brasil, os produtores conseguiram melhorar os preços da hortaliça com a estratégia de ofertar menores volumes ao mercado. Em parte, o objetivo foi alcançado com aumento médio de 16% em relação ao mês de julho, porém sem efeito para reversão no quadro de rentabilidade negativa na atividade, cujo custo médio estimado para os produtores paulistas gira em torno de R\$0,74/kg e o preço médio alcançado no mês de agosto foi de R\$0,67. Dessa forma parte dos custos não estão sendo absorvidos pelo preço obtido pelos produtores podendo comprometer a atividade ao longo do tempo.

A expectativa era de que para o início de setembro com a redução do pico da colheita em São Paulo e no Cerrado o volume ofertado seria menor, mas pela boa produtividade e aumento de área plantada a oferta tem se alongado, mantendo, de forma geral, os preços achatados ao produtor.

Na Ceagesp/SP, o mês de agosto iniciou com preço da cebola a R\$1,40/kg, valor que representa redução de 9,28% em relação aos preços praticados no início de julho, porém fechando o mês a R\$1,69/kg, aumento de 23,35% em relação ao início do mês.

O mês de setembro iniciou com redução de preços no atacado paulista para a cebola média nacional, atingindo no dia 01/09 o valor de R\$1,55/kg, representando redução de 9,03% em relação ao final do mês de agosto.

Na Ceasa/SC (Unidade de São José), o mês de agosto iniciou com preço de atacado para a cebola nacional a R\$1,40/kg, redução de 12,50% em relação ao início do mês de julho. Na segunda semana do mês passou para R\$1,50/kg, e fechando o mês a R\$1,50/kg. No mesmo período a cebola importada da Argentina permaneceu com preço estável, sendo comercializada a R\$2,25/kg, mesmo valor do mês de julho.

### Safra catarinense

Conforme dados do acompanhamento de campo do projeto safras da Epagri/Cepa, a safra catarinense de cebola 21/22, já se encontra totalmente plantada em todas as regiões produtoras. No último mês foram ajustadas as estimativas de produção para a safra 21/22, cujos números apontam para o plantio de 17.458ha, apontando redução de 0,54% em relação à estimativa inicial que era de 17.553ha. Sob o ponto de vista da produção esperada, os dados indicam um aumento de 0,92%, passando de 499,65mil toneladas para 504,26 toneladas.

A constatação da elevação da produtividade apontada no levantamento da safra decorre das condições fitossanitárias das lavouras que são consideradas muito boas, favorecidas pelas condições climáticas para a cultura até o momento.

### Importação

De acordo com os dados do Siscomex/ME, em 2020, o Brasil importou 197,7 mil toneladas de cebola, volume 6,51% menor que no ano de 2019. O período do ano em que, normalmente há maior volume de entrada de cebola estrangeira no país são os meses de março, abril, maio e junho. Nesse ano, desde o mês de maio houve significativa redução da importação, tendência que se acentuou nos meses de julho e agosto, comparativamente com os anos anteriores. Os volumes importados de janeiro a agosto do corrente ano somam 114,85 mil toneladas, redução de 69,09% em relação ao mesmo período do ano passado. Como pode ser visto, nesse ano ocorreu uma forte redução nas importações comparativamente aos últimos três anos conforme mostra a Tabela 1.

**Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de janeiro de 2018 a agosto de 2021 (t)**

Ano	Jan	Fev.	Mar	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set	Out	Nov.	Dez	Total
2018	417	6.549	22.546	37.380	34.323	14.422	162	115	115	230	491	1.136	117.886
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640,51	197.756
2021	910,8	14.808	26.040	46.934	22.833	2.966,32	194,80	168,00	-	-	-	-	114.854,92

Fonte: ComexStat/ME, set./2021.

Historicamente o Brasil é um mercado importante para a produção da cebola para alguns países, notadamente a Argentina, Chile e Países Baixos, como pode ser visto na tabela 2. Nela apresentamos os principais países fornecedores da hortaliça no ano de 2020 e de janeiro a agosto de 2021, com os respectivos volumes e valores totais em US\$ (FOB).

Destacaram-se em 2020, a Argentina, com volume de 155,09 mil toneladas, perfazendo 78,43% do total importado, Chile, com 23,14 mil toneladas, 11,70% do total e os Países Baixos com 14,3 mil toneladas, perfazendo 7,23% do total importado

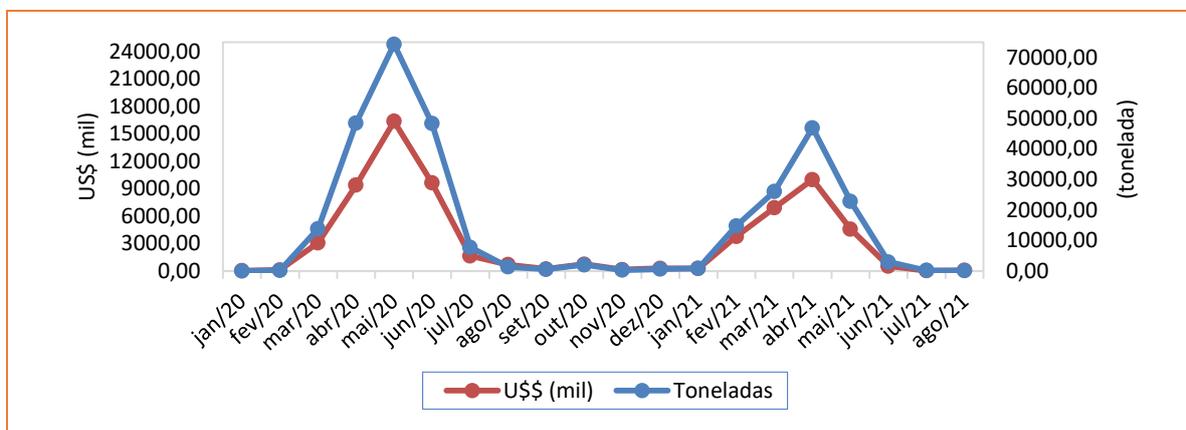
Em 2021, importamos dos vizinhos argentinos até agosto, 98,05 mil toneladas, 85,37% do volume total. A seguir vem os Países Baixos com 8,65 mil toneladas, 7,53% do total e o Chile com 7,15 mil toneladas significando 6,23% do total. O preço médio (FOB) em 2020 foi de US\$0,21/kg e em 2021, se mantém em US\$0,22/kg, aumento de 4,7% em relação à média do ano passado.

**Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores em 2020 e 2021 (janeiro a agosto)**

Países	2020		2021	
	(mil US\$) FOB	Volume (t)	(mil US\$)	Volume (t)
Argentina	26.244,2	155.098,9	19.125,76	98.053,92
Chile	8.782,1	23.142,5	2.888,34	7.155,42
Países Baixos	4.976,5	14.301,9	3.161,48	8.651,10
Espanha	2.080,8	4.751,5	306,27	638,53
Nova Zelândia	118,2	234,0	58,3	104
Uruguai	0,00	0,00	84,93	253,2
Peru	49,5	122,0	0,00	0,00
Reino Unido	29,6	78,0	0,00	0,00
Bélgica	11,0	28,0	0,00	0,00
<b>Total</b>	42.291,9	197.756,7	25.634,10	114.854,92

Fonte: ComexStat/ME, set./2021.

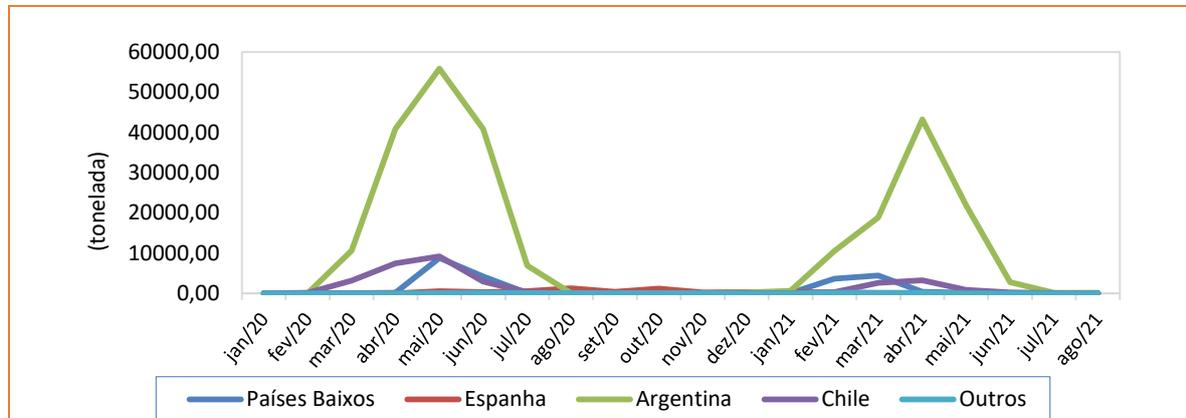
Em agosto foram importadas apenas 0,168 mil toneladas de cebola, redução de 11,58% em relação a julho, quando foram importadas 0,19 mil toneladas. Embora estejamos no período do ano de menores importações da hortaliça, o volume internalizado é baixo. Nesse sentido, a produção nacional está sendo favorecida pela relação cambial e pela boa oferta do produto brasileiro. O desembolso total (FOB) foi de US\$0,061 milhões conforme mostra a (Figura 1).



**Figura 1. Cebola – Brasil: importação mensal de jan./2020 a jul./2021**

Fonte: ComexStat/ME, ago./2021.

Os países fornecedores da hortaliça ao Brasil no mês de agosto foram a Argentina, com 0,115 mil toneladas, volume que representa 69,00 % do total, e a Espanha, com 0,053mil toneladas, 31% do total, conforme comportamento das importações apresentado na Figura 2.



**Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores – jan./2020 – jul./2021**

Fonte: ComexStat/ME, ago./2021.

Para finalizar, de acordo com as informações do acompanhamento sistemático de safras realizado pela Epagri/Cepa, a cultura da cebola na safra 2021/22 em Santa Catarina se desenvolve em boas condições de campo. A ocorrência de frio intenso registrado no estado no mês de julho não prejudicou a cultura e o clima mais seco presente até o momento favorece o desenvolvimento da cultura em boas condições fitossanitárias, permitindo elevar as expectativas de produção de cebola para o estado. Por outro lado, um desafio importante continua sendo administrar a elevação do custo de produção para esta safra 2021/22, visto que as perspectivas de mercado são de oferta relativamente alta no período da comercialização da nova safra catarinense e o consumo tende a refletir a queda da renda do consumidor em geral em função da crise econômica do país.

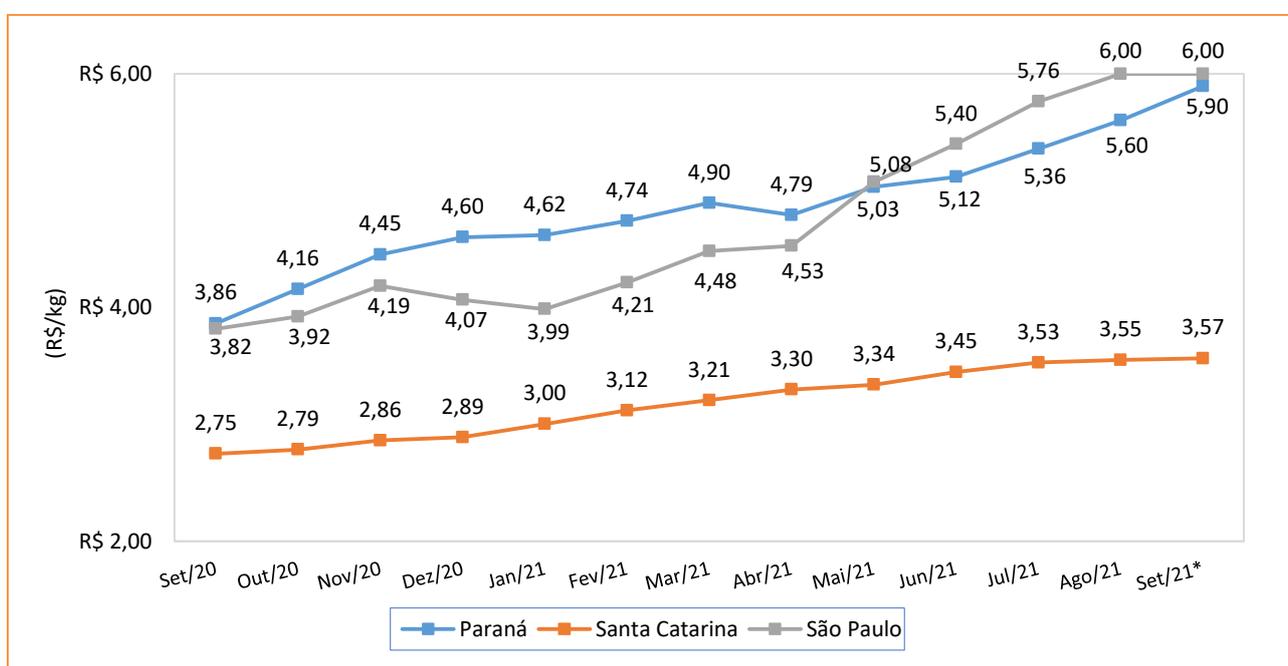
# Pecuária

## Avicultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandregiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandregiehl@epagri.sc.gov.br)

### Preços

Nas primeiras semanas de setembro, predominaram os movimentos de alta nos preços do frango vivo na maioria dos estados acompanhados: 5,2% no Paraná e 0,4% em Santa Catarina. Em São Paulo, o preço médio manteve-se inalterado no período. Na comparação com setembro de 2020, as variações são positivas nos três casos: 57,2% em São Paulo, 52,6% no Paraná e 29,7% em Santa Catarina.



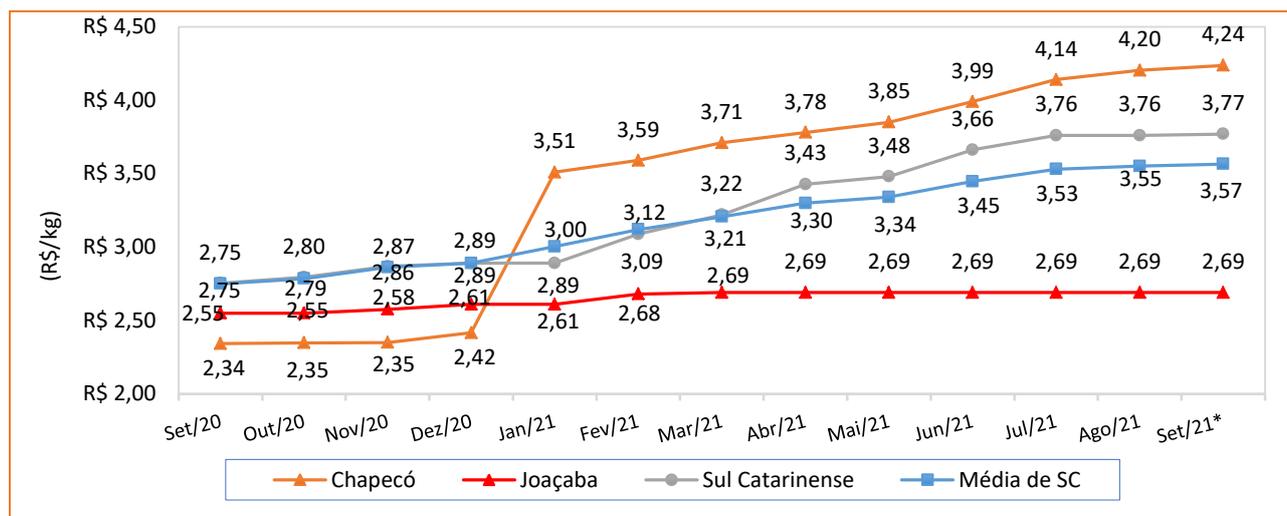
**Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)**

<sup>(1)</sup> Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

\* Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/set./2021.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Em Santa Catarina, nas primeiras semanas de setembro registraram-se variações nas praças de Chapecó (0,8%) e no Sul Catarinense (0,3%). Em Joaçaba, o preço manteve-se inalterado.



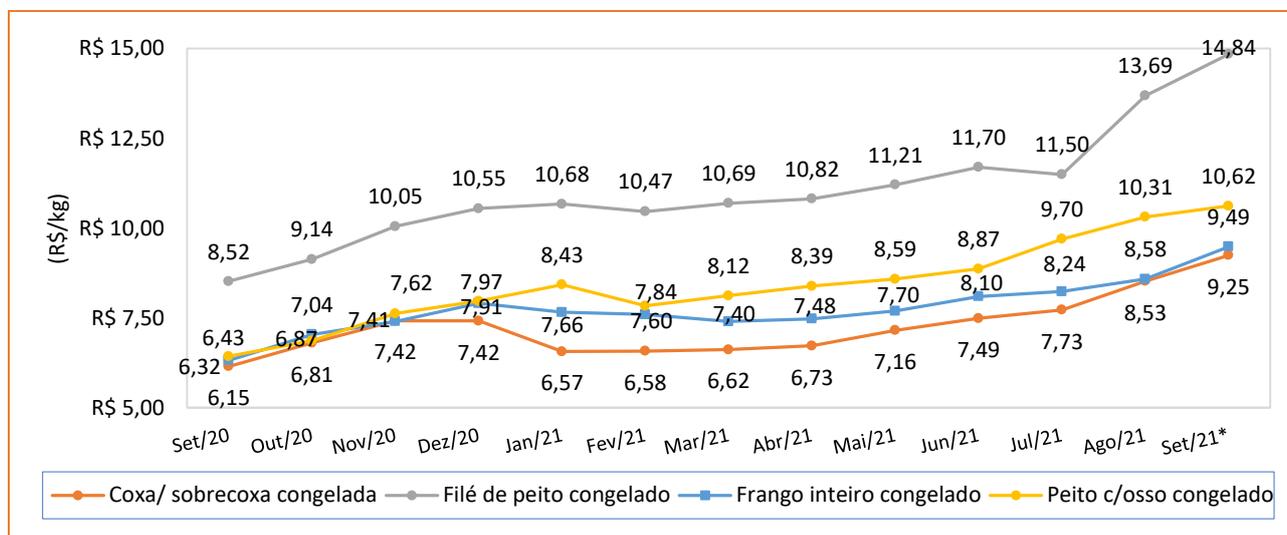
**Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio<sup>(1)</sup> pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)**

<sup>(1)</sup> Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

\* Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/set./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Assim como vem sendo observado desde o final do 1º trimestre, nas primeiras semanas de setembro os preços de atacado da carne de frango novamente apresentaram altas expressivas: frango inteiro congelado (10,5%), filé de peito congelado (8,4%), coxa/sobrecoxa congelada (8,4%) e peito com osso congelado (2,9%). A variação média foi de 7,6%. A alta acumulada no ano é de 27,3%.



**Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)**

\* Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/set./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores preliminares de setembro com aqueles registrados no mesmo mês de 2020, verifica-se que todos os cortes apresentaram altas significativas: filé de peito (74,2%), peito com osso (65,1%), coxa/sobrecoxa (50,2%) e frango inteiro (50,0%). A variação média no período foi de 59,9%.

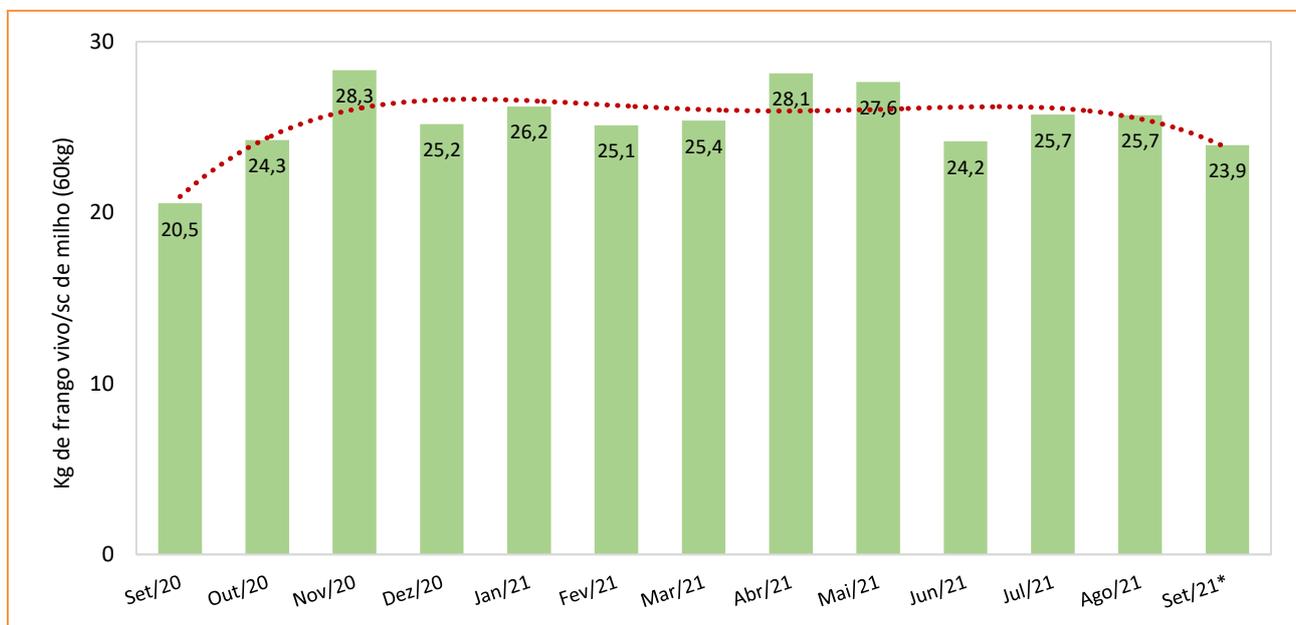
A predominância de altas nos preços ao produtor e nos preços de atacado deve-se à boa demanda por carne de frango, tanto no mercado interno quanto externo. No caso do mercado interno, vale lembrar que, não obstante a majoração dos preços observada ao longo dos últimos meses, o frango ainda se constitui na carne de menor valor médio. Com a elevação dos preços das carnes concorrentes, em especial a bovina, a

tendência é que os consumidores busquem opções mais econômicas para manter um certo patamar de consumo. Outro fator que contribui de forma significativa para esse cenário é o aumento nos custos de produção. As agroindústrias têm repassado parte da elevação de custos para os preços de seus produtos, o que acaba chegando ao consumidor.

### Custos

Em agosto, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango) registrou alta de 1,7% em relação ao mês anterior. A alta acumulada nos últimos 12 meses foi de 44,3%, impulsionada principalmente pelo aumento dos custos com nutrição. No ano, a alta é de 21,0%.

Depois de ficar estável em agosto, a relação de equivalência insumo-produto voltou a apresentar queda nas primeiras semanas de setembro. A variação em relação ao mês anterior é de -6,8%, decorrente da queda de 6,1% no preço de atacado do milho na praça de Chapecó e da alta de 0,8% no preço do frango vivo na mesma praça. Na comparação com setembro de 2020, o valor atual da relação de equivalência registra alta de 16,6%.



**Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho**

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

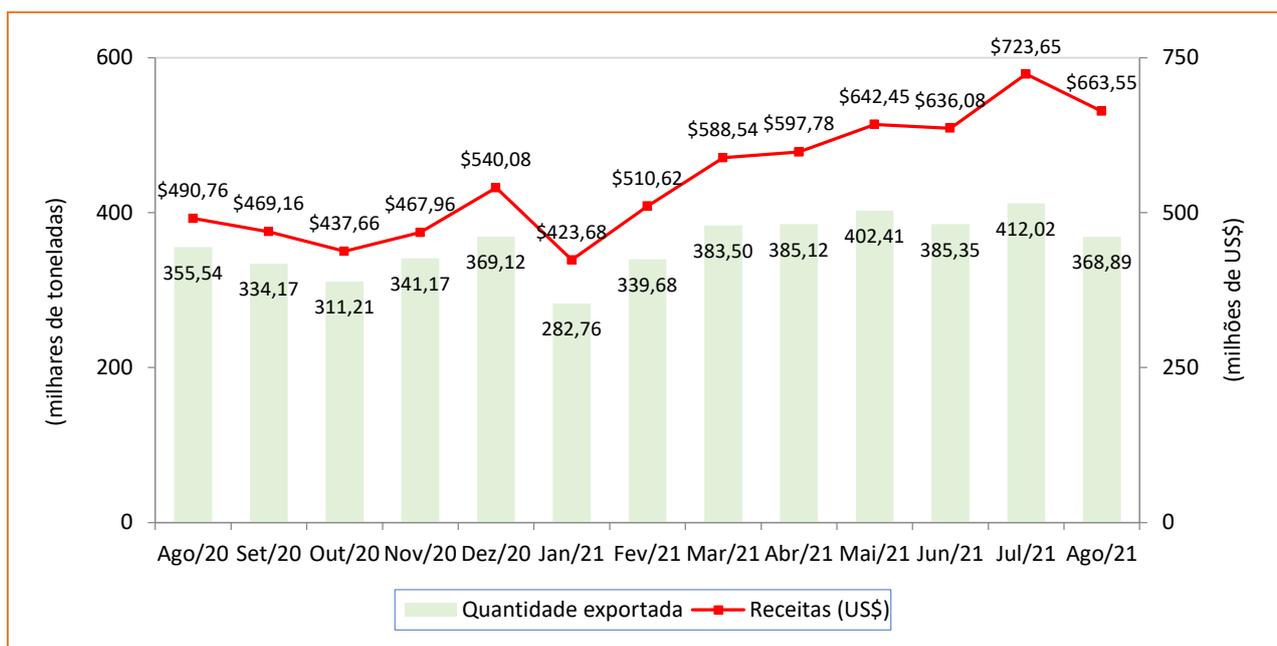
\* O valor de setembro é preliminar, relativo ao período de 1 a 17/set./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Em setembro de 2020, o avicultor precisava de 20,5kg de frango vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho (levando em consideração o preço de atacado), montante que atingiu 23,9kg no corrente mês.

### Comércio exterior

Em agosto, o Brasil exportou **368,89 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), queda de **10,5%** quando comparado ao mês anterior, mas alta de **3,8%** em relação a agosto de 2020. As receitas foram de **US\$663,55 milhões**, queda de **8,3%** em relação a julho, mas **35,2%** acima de agosto do ano passado. Segundo o Cepea, embora a demanda mundial por carne de frango siga aquecida, alguns entraves logísticos, principalmente na China, acabaram limitando os embarques no último mês.



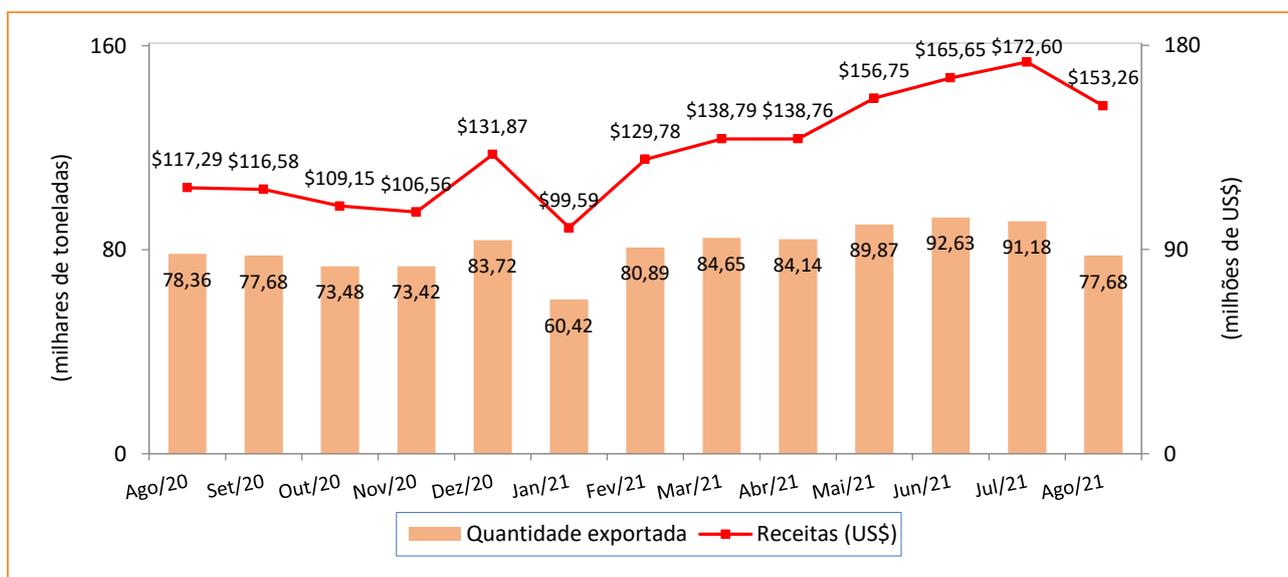
**Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas**

Fonte: Comex Stat.

De janeiro a agosto, o Brasil exportou **2,96 milhões de toneladas**, com receitas de **US\$4,79 bilhões**, alta de **6,9%** em quantidade e de **17,5%** em valor, na comparação com mesmo período do ano passado.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango nos primeiros oito meses do ano foram China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Países Baixos, responsáveis por 50,1% das receitas.

Santa Catarina exportou **77,68 mil toneladas** de carne de frango em agosto (*in natura* e industrializada), o que representa uma queda de **14,8%** em relação ao mês anterior e de **0,9%** na comparação com agosto de 2020. As receitas foram de **US\$153,26 milhões**, **-11,2%** em relação ao mês anterior, mas alta de **30,7%** na comparação com agosto de 2020.



**Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas**

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em agosto foi de **US\$1.915/tonelada**, alta de **4,0%** em relação ao mês anterior e de **33,9%** na comparação com agosto de 2020, o que demonstra a forte valorização desse produto no mercado internacional.

De janeiro a agosto, Santa Catarina exportou um total de **661,47 mil toneladas**, com receitas de **US\$1,16 bilhão**, alta de **0,7%** em quantidade e de **11,8%** em valor, na comparação com o mesmo período do ano passado. O estado foi responsável por **24,1%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango no ano.

A Tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense neste ano, os quais responderam por 56,5% das receitas e 51,5% da quantidade exportada pelo estado.

**Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a ago./2021**

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	187.042.826,00	101.827
China	127.760.392,00	67.602
Arábia Saudita	115.278.925,00	61.330
Países Baixos (Holanda)	115.244.854,00	49.777
Emirados Árabes Unidos	106.790.815,00	59.942
Demais países	503.063.680,00	320.989
<b>Total</b>	<b>1.155.181.492,00</b>	<b>661.467</b>

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos, dois registraram variação negativa nas receitas acumuladas no ano, quando comparadas ao mesmo período de 2020, com destaque para a China (-17,5%). Por outro lado, chamam atenção os crescimentos dos valores exportados para Japão (8,7%) e Arábia Saudita (38,2%). Também merece menção o expressivo aumento dos embarques para o México (4.934,4% em valor e 3.219,0% em quantidade).

Apesar dos bons volumes de carne de frango exportados pelo Brasil e por Santa Catarina, o setor avícola ainda enfrenta desafios, dentre os quais se destaca a alta nos custos de produção. Embora o preço do milho tenha apresentado alguns recuos nas últimas semanas, ainda se encontra em patamar bastante acima daquele registrado nesse período em anos anteriores. Outro fator que tem contribuído de forma significativa com a elevação dos custos é o aumento no preço da energia elétrica e o estabelecimento de nova bandeira tarifária.

### Produção

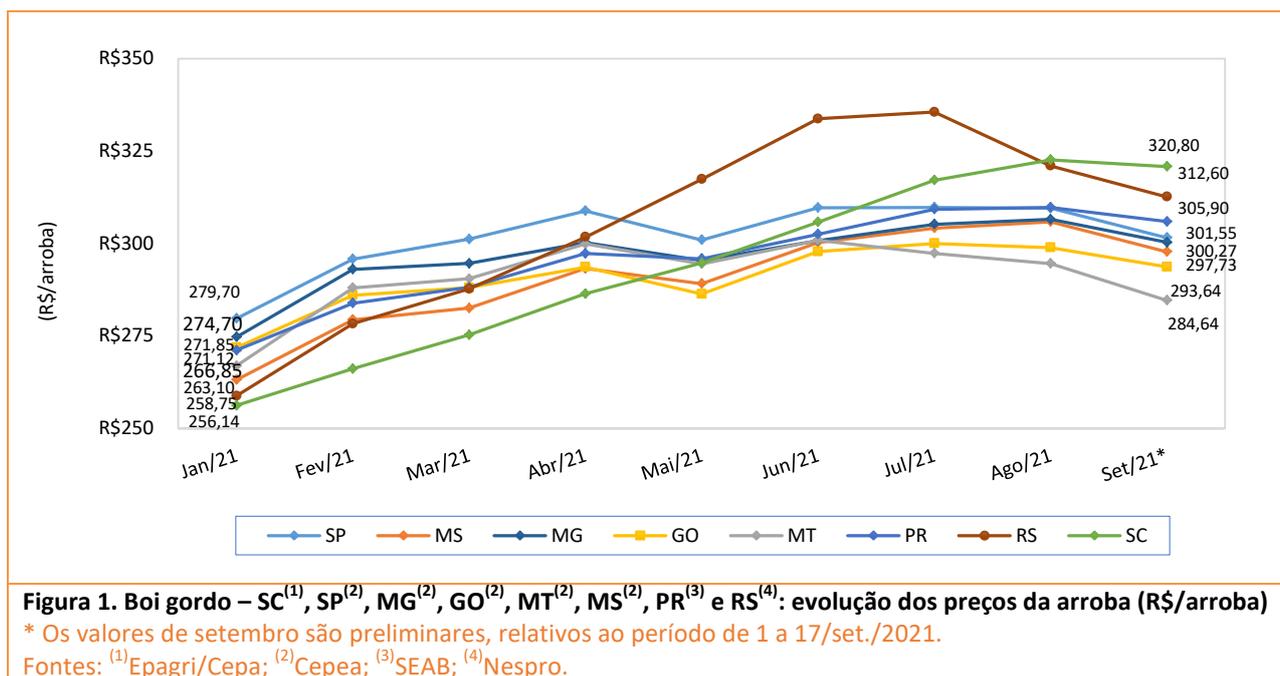
De acordo com os dados preliminares da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, divulgada pelo IBGE, no 2º trimestre de 2021 foram abatidos no Brasil 1,52 bilhão de frangos, aumento de 7,8% em relação ao mesmo período de 2020, mas queda de 3,0% na comparação com o 1º trimestre de 2021. Esse resultado significou o melhor 2º trimestre na série histórica, iniciada em 1997.

## Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

### Preços

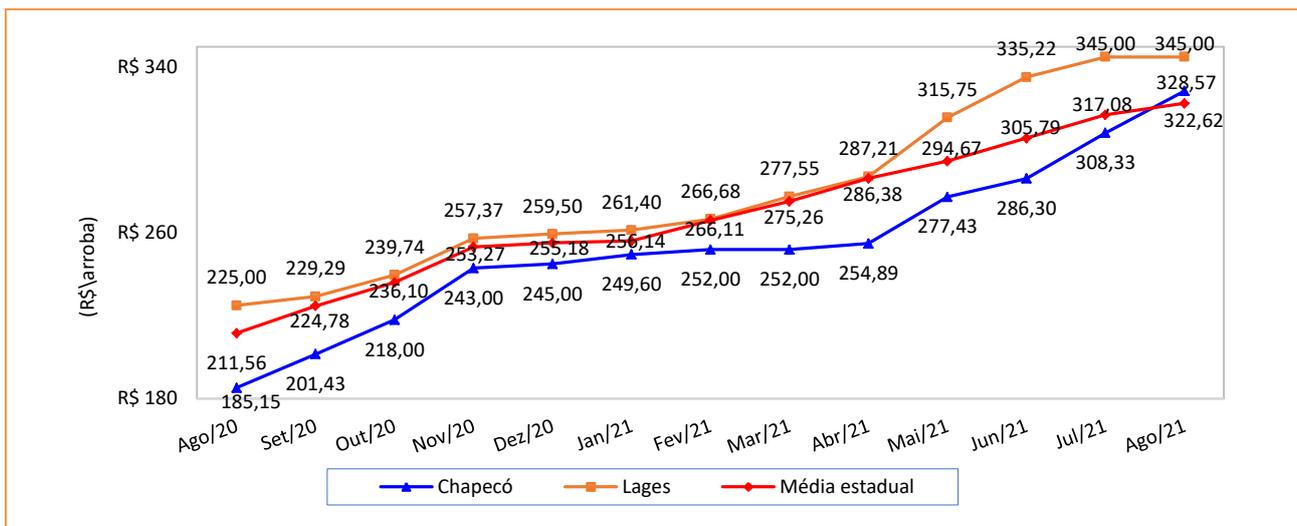
Nas primeiras semanas de setembro, os preços do boi gordo apresentaram quedas em todos os estados acompanhados: -3,4% no Mato Grosso, -2,7% no Mato Grosso do Sul, -2,6% em São Paulo, -2,6% no Rio Grande do Sul, -2,0% em Minas Gerais, -1,7% em Goiás, -1,2% no Paraná e -0,6% em Santa Catarina.



Há dois fatores que contribuíram para esse movimento de queda generalizada dos preços. Em primeiro lugar, a demanda desaquecida no mercado interno, em função dos preços elevados da carne bovina e das dificuldades econômicas vivenciadas por grande parte da população. Em segundo lugar, a detecção de dois casos de encefalopatia espongiforme bovina (EEB) atípica, no início de setembro, provocou a interrupção das exportações para alguns países e impactou nos preços pagos aos produtores. Trataremos dessa questão adiante.

Na comparação com os preços praticados em setembro de 2020, contudo, ainda se observam altas consideráveis em todos os estados: 44,1% no Rio Grande do Sul, 42,7% em Santa Catarina, 31,1% no Paraná, 26,3% em Goiás, 25,9% no Mato Grosso do Sul, 25,1% em Minas Gerais, 24,7% no Mato Grosso e 24,2% em São Paulo.

Diferentemente da tendência predominante nos estados supramencionados e nas demais praças catarinenses, Chapecó apresentou alta de 3,5% no preço do boi gordo nas primeiras semanas de setembro em relação ao mês anterior. Enquanto isso, o preço de Lages, outra praça de referência, registrou queda de 1,8%. Em relação a setembro de 2020, as duas praças apresentaram altas bastante expressivas: 68,8% em Chapecó e 47,7% em Lages.

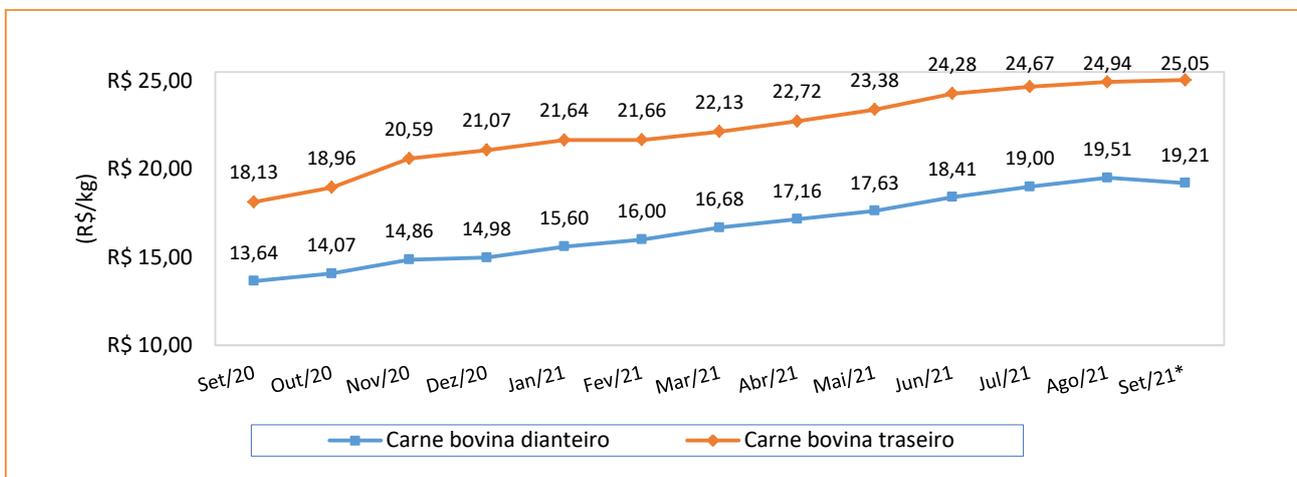


**Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)**

\* Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/set./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Após 14 meses de sucessivas altas, os preços de atacado da carne bovina voltaram a apresentar quedas na primeira quinzena de setembro. Em relação a agosto, a carne de dianteiro registrou queda de 1,6%. A carne de traseiro, por outro lado, teve variação positiva no corrente mês: 0,4%. Na média dos dois tipos de corte, a variação foi de -0,6%. Apesar desse resultado, a alta acumulada no ano (21,4%) ainda é bastante expressiva.



**Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)**

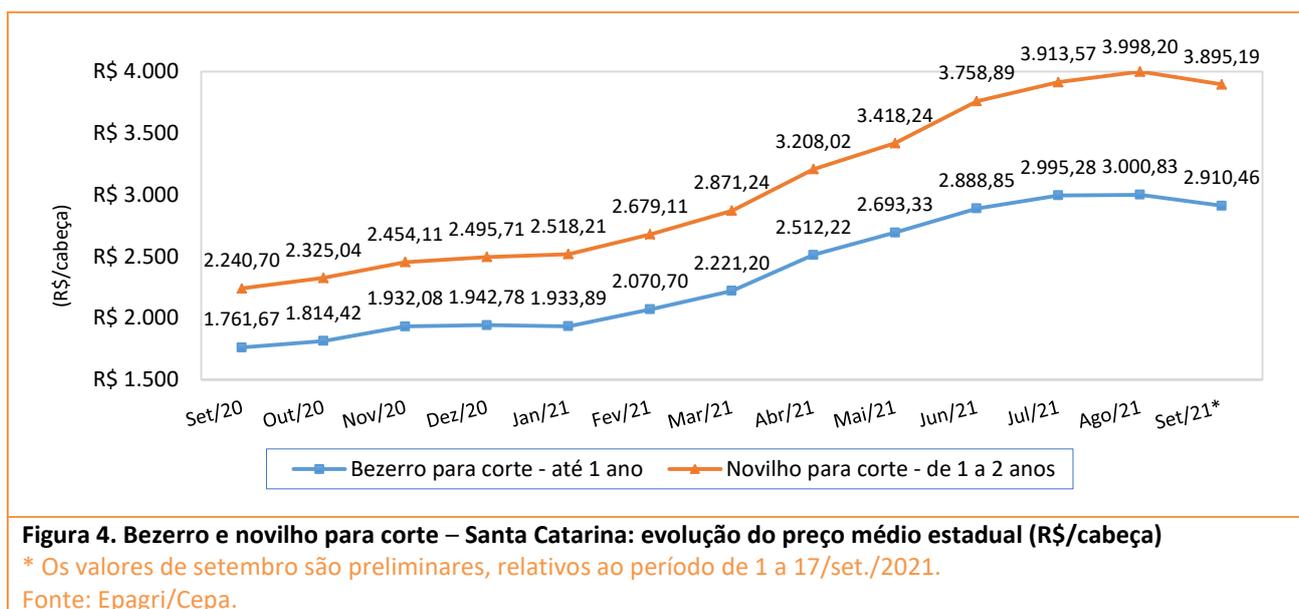
\* Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/set./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação dos valores atuais com aqueles praticados em setembro de 2020, observam-se altas de 40,8% para a carne de dianteiro e 38,2% para a carne de traseiro, com média de 39,5%.

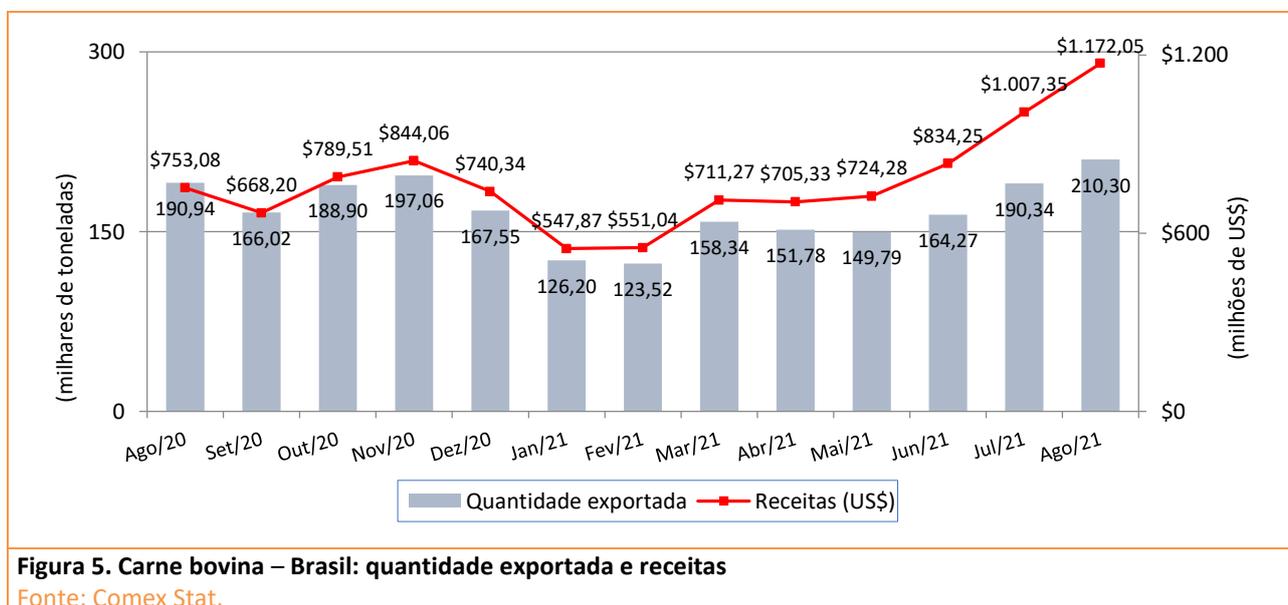
### Custos

Pela primeira vez desde maio de 2020, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina apresentaram variações negativas nos preços pagos ao produtor. Em relação a agosto, as quedas são de 3,0% para os bezerros de até 1 ano e 2,6% para os novilhos de 1 a 2 anos. Na comparação com setembro de 2020, por outro lado, as variações são positivas e bastante expressivas: 65,2% para os bezerros e 73,8% para os novilhos.



### Comércio exterior

Em agosto, o Brasil exportou **210,30 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), alta de **10,5%** na comparação com o mês anterior e de **10,4%** em relação a agosto de 2020. As receitas foram de **US\$1,17 bilhão**, crescimento de **16,4%** em relação ao mês anterior e de **55,6%** na comparação com agosto de 2020. Esses são os melhores resultados mensais de toda a série histórica, iniciada em 1997, tanto em quantidade quanto em valor.



Segundo a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), o Brasil se beneficiou da diminuição da oferta no mercado internacional, com a redução das exportações da Argentina (devido à política de combate à inflação local) e da Austrália (onde o rebanho ainda não se recuperou de sucessivas perdas em razão de secas e enchentes).

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada em agosto foi de **US\$5.680/tonelada**, altas de **4,4%** em relação ao mês anterior e de **41,7%** na comparação com agosto de 2020.

De janeiro a agosto, o Brasil exportou **1,27 milhão de toneladas** de carne bovina, com **US\$6,25 bilhões** em receitas, queda de **1,3%** no volume, mas alta de **15,0%** no valor exportado no mesmo período de 2020. China e Hong Kong responderam por 59,5% das receitas brasileiras com as exportações desse produto. Segundo relatório publicado recentemente pelo Rabobank, o Brasil é responsável por 38% da carne bovina importada pela China em 2021.

Dentre os dez principais destinos da carne bovina brasileira, três apresentaram variações negativas nas receitas acumuladas no ano, com destaque para Hong Kong (-20,7%), 2º principal destino, e Egito (-47,5%), que ocupa a 5ª posição no ranking. Dentre as altas, merecem menção especial a China (24,3%), principal destino, os Estados Unidos (111,5%), que ocupa a 3ª colocação, e o Chile (40,8%), na 4ª colocação.

Apesar do excelente resultado das exportações de agosto, o setor vive um momento de apreensão. No início de setembro, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) confirmou dois casos atípicos de encefalopatia espongiforme bovina (EEB), conhecida como o “mal da vaca louca”, em frigoríficos de Nova Canaã do Norte (MT) e de Belo Horizonte (MG). Com a confirmação desses casos, as exportações para a China foram automaticamente suspensas. A suspensão das exportações está diretamente ligada a um dispositivo no contrato, onde o país vendedor (o Brasil), em casos de ocorrência de determinados problemas, suspende as negociações até que a situação seja esclarecida e haja aceitação por parte da China.

Outros países também suspenderam temporariamente as compras de carne bovina de frigoríficos brasileiros, como é o caso de Rússia, Arábia Saudita, Egito, Irã e Indonésia.

A maioria dos frigoríficos que exportam carne para a China reduziram o ritmo dos abates e tem procurado estocar a carne, aguardando a retomada dos embarques. Contudo, caso haja demora na resolução do problema, em breve, parte desse produto deve ser colocada no mercado interno, impactando ainda mais os preços. Segundo nota divulgada pelo Mapa em meados deste mês, não há previsão para o fim das suspensões das exportações de carne bovina brasileira.

Santa Catarina exportou **270 toneladas** de carne bovina em agosto, com faturamento de **US\$1,09 milhão**, quedas de 7,4% e 4,8% em relação ao mês anterior, respectivamente. No acumulado do ano, o estado exportou **2,22 mil toneladas**, com receitas de **US\$8,49 milhões**, altas de 0,8% e 26,1%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020.

### Produção

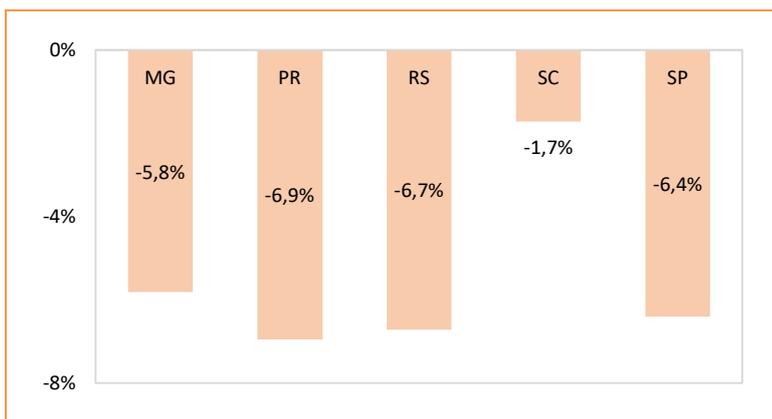
De acordo com os dados preliminares da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, divulgada pelo IBGE, no 2º trimestre de 2021 foram abatidos no Brasil 7,8 milhões de bovinos, aumento de 7,4% em relação 1º trimestre, mas queda de 4,4% na comparação com o 2º trimestre de 2020. Esse é o pior resultado para o período desde 2011.

## Suinocultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandregiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandregiehl@epagri.sc.gov.br)

### Preços

Os preços médios das primeiras semanas de setembro registram variações negativas em todos os estados analisados (Figura 1). Dentre os fatores que levaram a esse cenário, destaca-se a demanda limitada no mercado interno, em função da crise econômica que afeta o poder de compra de grande parte da população. Além disso, a queda no ritmo das exportações em agosto, como veremos adiante, também reduziu a liquidez da carne suína e afetou os preços ao produtor.



**Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (agosto/setembro de 2021\*)**

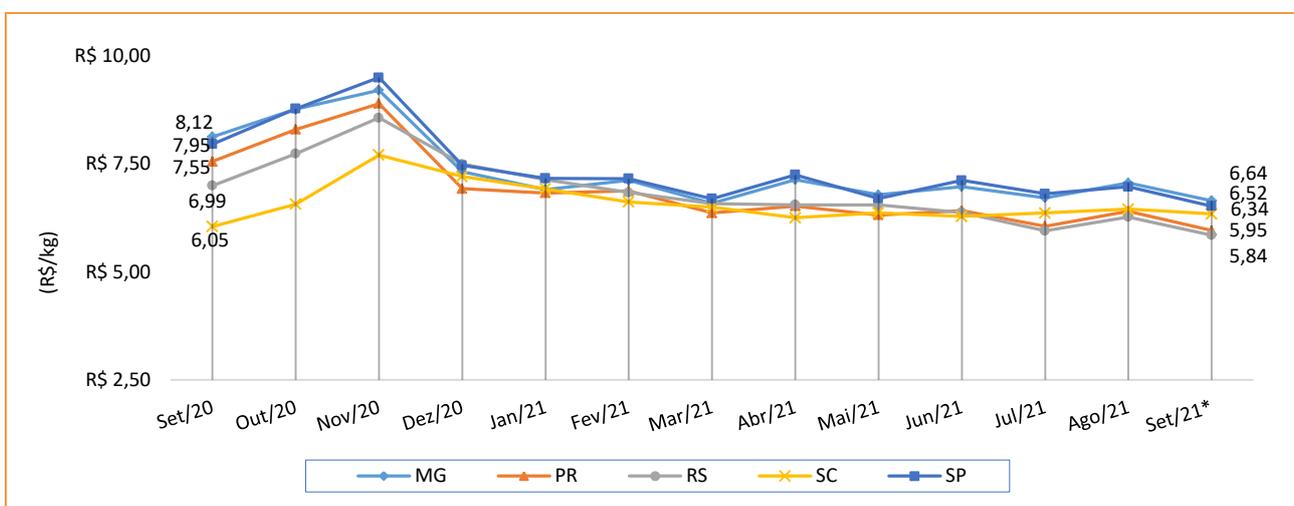
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

\* Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/set./2021.

Contudo, a análise da evolução dos dados diários demonstra uma leve reação nos preços a partir da terceira semana de setembro.

Quando se comparam os preços atuais e aqueles praticados em setembro de 2020, observam-se situações distintas, de

acordo com o estado, mas com forte predominância de variações negativas: -21,2% no Paraná, -18,2% em Minas Gerais, -18% em São Paulo e -16,4% no Rio Grande do Sul. Somente Santa Catarina registrou alta no período considerado e, ainda assim, em percentual pouco expressivo. Além dos dados apresentados anteriormente, a significativa elevação nos custos de produção, conforme veremos adiante, torna a situação do setor suínico bastante preocupante, principalmente no caso dos suinocultores independentes.

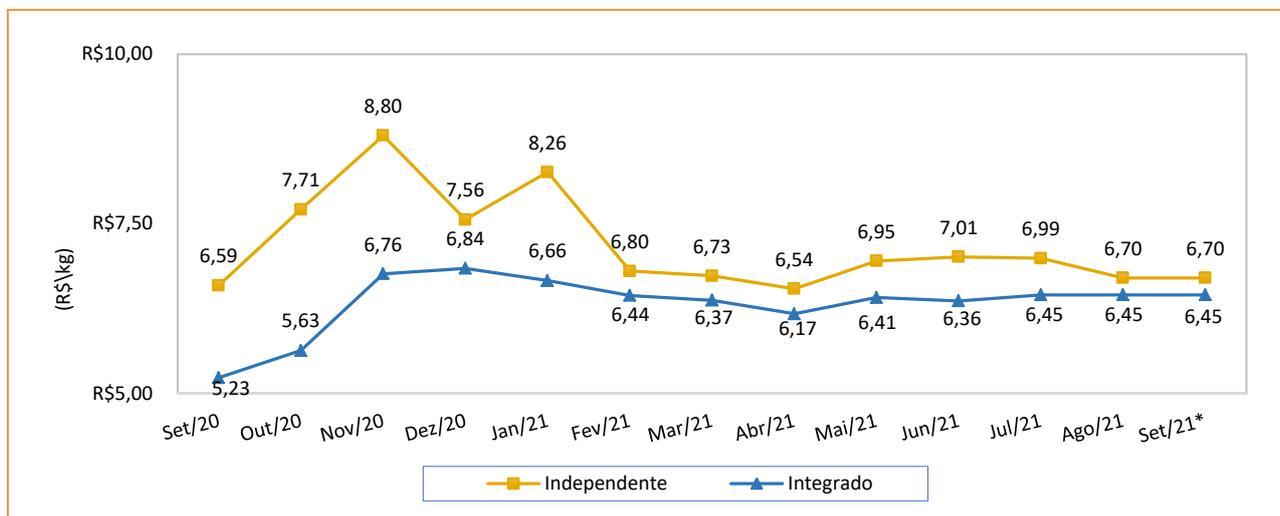


**Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)**

\* Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/set./2021.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Em Chapecó, os valores preliminares das primeiras semanas de setembro mantiveram-se inalterados em relação ao mês anterior para as duas categorias de produtores. Na comparação com setembro de 2020, as variações são positivas em ambos os casos, embora com percentuais bastante distintos: 1,7% para os independentes e 33,3% para os integrados.

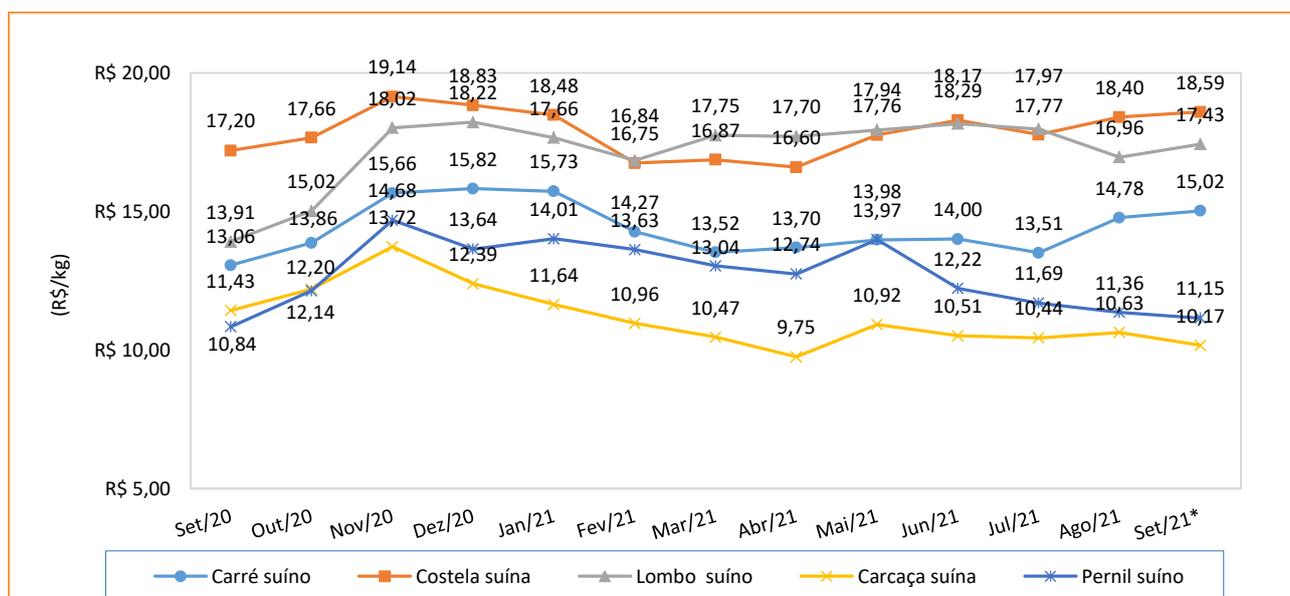


**Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado**

\* Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/set./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne suína apresentaram movimentos bastante distintos nas primeiras semanas de setembro, de acordo com o tipo de corte. Conforme o levantamento da Epagri/Cepa, três cortes registraram altas: lombo (2,5%), carré (1,6%) e costela (1,0%). Variações negativas foram observadas no caso da carcaça inteira (-4,0%) e pernil (-0,9%). Na média de todos os cortes, não houve variação no período. No acumulado do ano, verifica-se queda de 8,8%.



**Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)**

\* Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/set./2021.

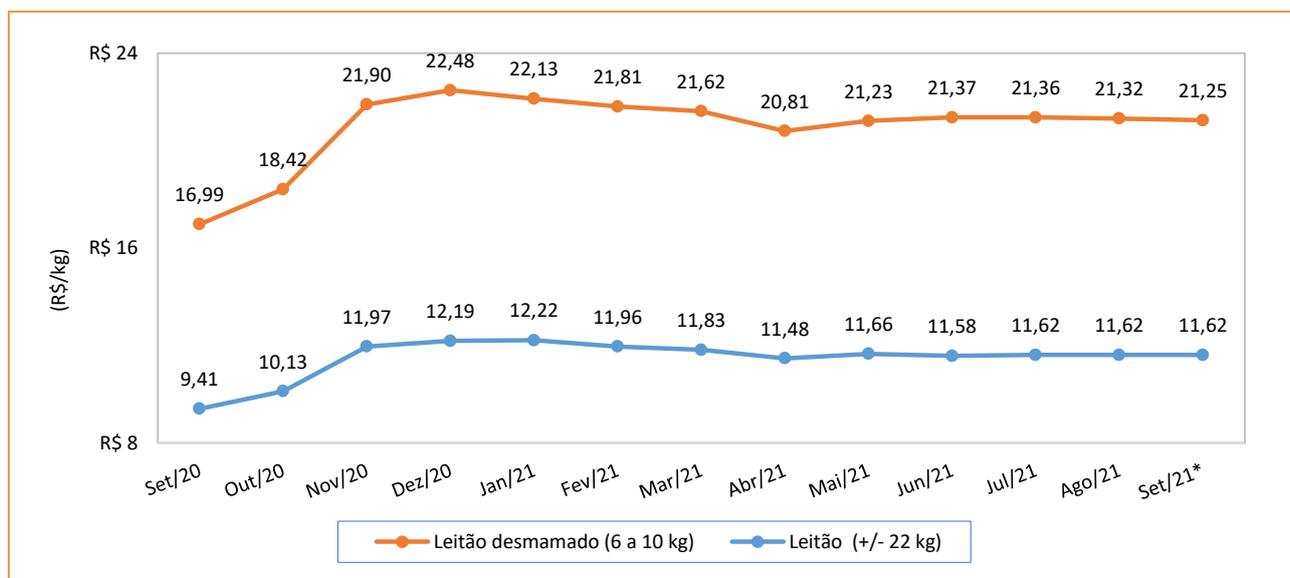
Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores preliminares de setembro e o mesmo mês de 2020, as variações são positivas na maioria dos cortes: lombo (25,0%), carré (15,0%), costela (8,1%) e pernil (3,8%). Somente a carcaça apresentou variação negativa no período (-10,7%). Na média dos cinco cortes, a variação foi de 8,2%.

### Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, em agosto o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R\$7,12/kg de peso vivo, alta de 0,2% em relação ao mês anterior. A alta acumulada nos últimos 12 meses é de 41,2%, resultante principalmente da elevação dos custos com nutrição. A alimentação representou 81,7% dos custos de produção dos suínos em agosto. A elevação acumulada no ano é de 8,5%.

Os preços dos leitões mantiveram-se estáveis nas primeiras semanas de setembro, não sendo registrada variação no caso dos leitões de aproximadamente 22kg, enquanto leitões de 6 a 10kg e apresentaram pequena oscilação negativa (-0,3%). Em relação a setembro de 2020, observam-se altas para ambas as categorias: 25,1% para os leitões de 6 a 10kg e 23,5% para os leitões de aproximadamente 22kg.

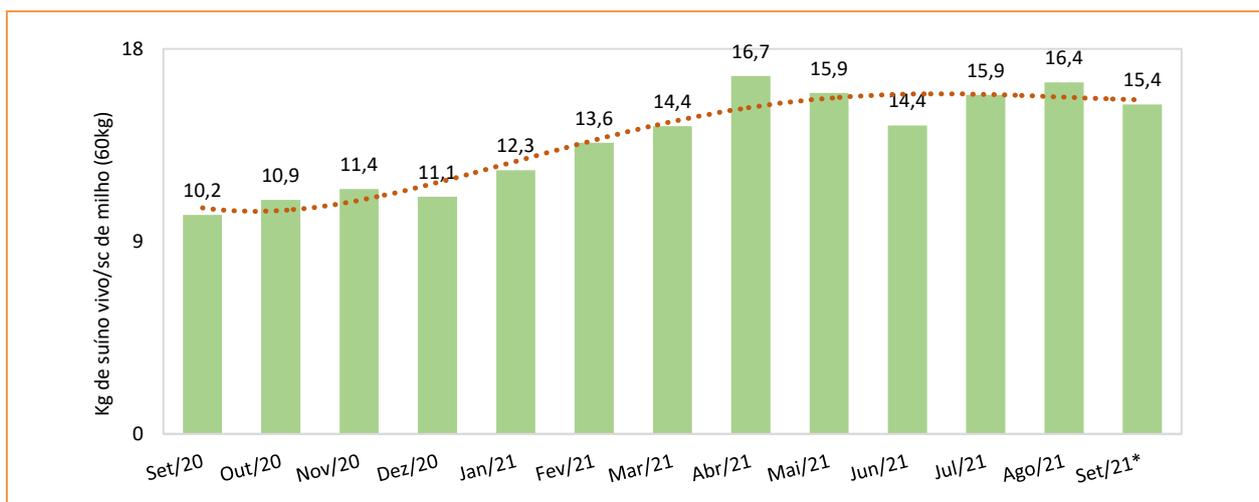


**Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)**

\* Os valores de setembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/set./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Após as altas observadas nos meses anteriores, a relação de equivalência insumo-produto volta a registrar queda nas primeiras semanas de setembro. Em relação a agosto, a variação foi de -6,2%, decorrente exclusivamente da elevação no preço do milho (6,2%), já que o preço do suíno vivo se manteve inalterado na praça de Chapecó. O valor atual está 50,5% acima daquele registrado em setembro de 2020.



**Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho**

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

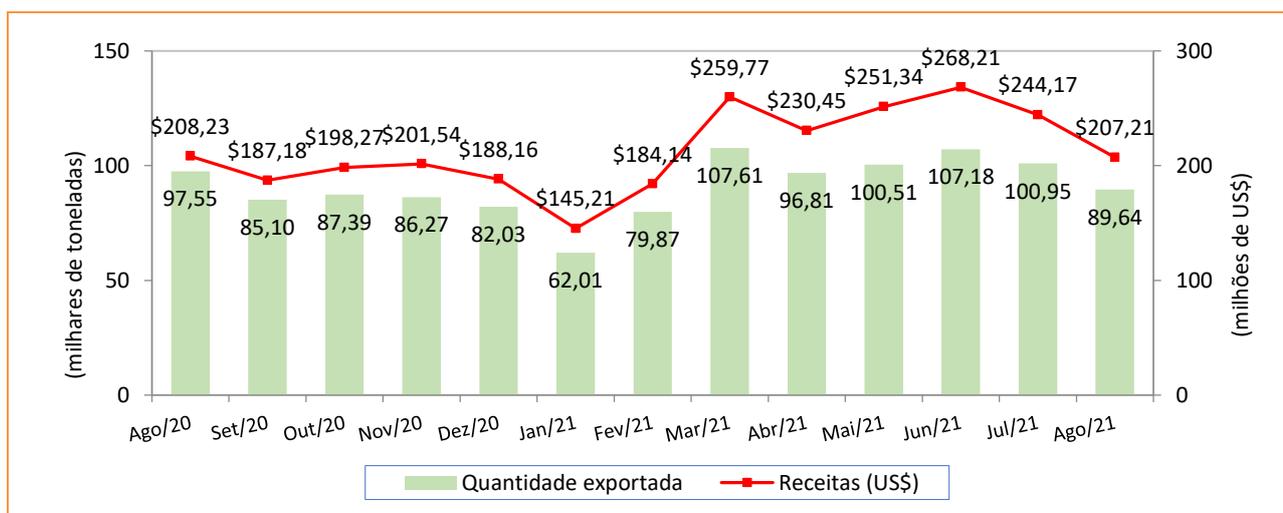
\* O valor de setembro é preliminar, relativo ao período de 1 a 17/set./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Em setembro de 2020, o suinocultor precisava de 10,2kg de suíno vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho (levando em consideração o preço de atacado), enquanto, em setembro deste ano, são necessários 15,4kg para adquirir o mesmo produto.

### Comércio exterior

Em agosto, o Brasil exportou **89,64 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), quantidade **11,2% abaixo** do mês anterior e **8,1% menor** que agosto de 2020. As receitas foram de **US\$207,21 milhões**, queda de **15,1%** em relação ao mês anterior e de **0,5%** na comparação com agosto de 2020.



**Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas**

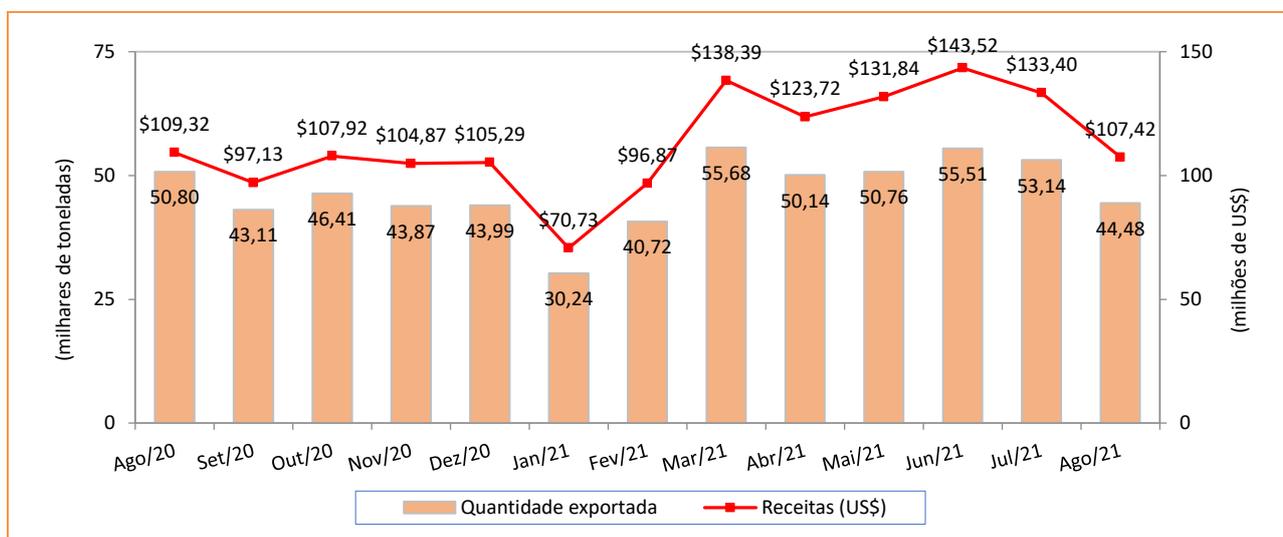
Fonte: Comex Stat.

De janeiro a agosto, o Brasil exportou **744,58 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$1,79 bilhão**, altas de **11,2%** e **21,1%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020.

Os cinco principais destinos das exportações brasileiras de carne suína neste ano foram China (56,6% do total), Hong Kong (12,4%), Chile (6,2%), Singapura (4,4%) e Uruguai (3,5%), responsáveis por 83,0% das receitas no período. China e Hong Kong respondem por 69,0% do total.

Embora os resultados do mercado externo sigam favoráveis, há certa preocupação e cautela no setor suinícola, pois os dados divulgados por agências de notícias demonstram que a China está com uma grande oferta de carne suína no seu mercado interno, o que pode afetar o ritmo das exportações nos próximos meses.

Santa Catarina exportou **44,48 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em agosto, **16,3%** menos que no mês anterior e **12,4%** abaixo de agosto de 2020. As receitas foram de **US\$107,42 milhões**, queda de **19,5%** em relação ao mês anterior e de **1,7%** na comparação com agosto de 2020.



**Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas**

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em agosto foi de **US\$ 2.476/tonelada**, queda de **3,3%** em relação ao mês anterior, mas **11,4%** acima da média de agosto de 2020.

De janeiro a agosto, o estado exportou **380,67 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$945,89 milhões**, altas de **10,0%** e **24,7%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020. Santa Catarina respondeu por **52,8%** das receitas e **51,1%** do volume de carne suína exportada pelo Brasil este ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 87,5% das receitas de janeiro a agosto. China e Hong Kong responderam por 69,1%.

**Tabela 1: Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a ago./2021**

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	593.947.717,00	234.122
Chile	110.745.614,00	43.322
Hong Kong	60.108.564,00	28.444
Japão	31.806.597,00	7.696
Filipinas	30.894.633,00	15.776
Demais países	118.389.460,00	51.310
<b>Total</b>	<b>945.892.585,00</b>	<b>380.670</b>

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos da carne suína catarinense, seis apresentaram variações positivas nas receitas acumuladas neste ano em relação ao mesmo período de 2020, com destaque para China (27,3%), Chile (101,8%), Filipinas (373,7%) e Argentina (74,9%). Em relação às variações negativas, o resultado mais relevante é observado nos embarques para Hong Kong (-16,2%), 3º principal destino da carne catarinense.

### Produção

De acordo com os dados preliminares da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, divulgada pelo IBGE, no 2º trimestre de 2021 foram abatidos no Brasil 13,0 milhões de suínos, aumento de 2,9% em relação 1º trimestre e de 7,6% na comparação com o 2º trimestre de 2020. Esse é o maior número de suínos abatidos num trimestre desde o início da série histórica, em 1997.

## Leite

Tabajara Marcondes  
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[tabajara@epagri.sc.gov.br](mailto:tabajara@epagri.sc.gov.br)

### Produção recebida pelas indústrias

No dia 12 de agosto, o IBGE divulgou os “primeiros resultados” da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL), com dados de âmbito nacional sobre a quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas no segundo trimestre de 2021. Esses dados preliminares indicavam que nos três meses do segundo trimestre a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas havia sido menor que a dos mesmos meses de 2020. Isso significava uma mudança em relação ao comportamento do primeiro trimestre, quando apenas no mês de fevereiro houvera redução em relação ao mesmo mês do ano passado. Significava também que a quantidade de leite cru adquirida no primeiro semestre de 2021 teria sido apenas 0,4% superior à do primeiro semestre de 2020.

Neste mês de setembro (dia 10), o IBGE divulgou essa mesma pesquisa com os dados “definitivos”, o que inclui também o desempenho por unidade da federação. No que diz respeito à quantidade de leite recebida pelas indústrias do País no primeiro semestre de 2021, foi confirmado um aumento de apenas 0,5% em relação ao primeiro semestre de 2020 (Tabela 1), que se explica pela combinação de condições climáticas adversas e de pressões de custos de produção que têm comprometido o desempenho da produção leiteira em vários estados<sup>5</sup>.

**Tabela 1. Leite cru - Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas**

UF	Anual (milhão de l)		Var. %	1º semestre (milhão de l)			Var. %
	2019	2020	2019-20	2019	2020	2021*	2020-21
Minas Gerais	6.285	6.517	3,7	3.034	3.162	3.099	-2,0
Paraná	3.308	3.518	6,3	1.570	1.613	1.692	4,9
Rio Grande do Sul	3.255	3.336	2,5	1.546	1.515	1.587	4,8
<b>Santa Catarina</b>	<b>2.761</b>	<b>2.892</b>	<b>4,7</b>	<b>1.263</b>	<b>1.359</b>	<b>1.402</b>	<b>3,2</b>
São Paulo	2.786	2.749	-1,3	1.336	1.351	1.278	-5,4
Goiás	2.636	2.514	-4,6	1.293	1.240	1.266	2,1
Rondônia	620	638	2,9	307	330	301	-8,8
Bahia	462	568	22,9	235	274	307	12,0
Rio de Janeiro	524	507	-3,2	271	248	248	0,0
Mato Grosso	506	480	-5,1	262	259	235	-9,3
Subtotal	23.143	23.719	2,5	11.117	11.351	11.415	0,6
Outras	1.869	1.922	2,8	939	971	963	-0,8
<b>Brasil</b>	<b>25.012</b>	<b>25.641</b>	<b>2,5</b>	<b>12.056</b>	<b>12.322</b>	<b>12.378</b>	<b>0,5</b>

\* 2021: dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

### Balança comercial de lácteos

No mês de julho, pela primeira vez neste ano de 2021, a quantidade de lácteos importada pelo Brasil foi menor que a do mesmo mês de 2020. Isto se repetiu no mês de agosto, com decréscimo ainda mais

<sup>5</sup> Não é adequado estabelecer relação direta entre o comportamento dessa quantidade de leite adquirida com o comportamento da produção total dos estados. Pois, na metodologia da PTL/IBGE, o leite vendido de um estado para o outro na forma de leite cru resfriado é computado na quantidade recebida da indústria do estado de destino. Essa é a razão, por exemplo, que em São Paulo a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas ser bem superior à produção total do estado.

significativo: em julho a redução foi de 23,5% e em agosto foi de 44,1%. As exportações de agosto foram superiores à do mesmo mês de 2020, repetindo o comportamento verificado desde março. Com isso, os 24,9 milhões de quilos de lácteos exportados de janeiro a agosto deste ano representam um crescimento de 32,1% sobre os 18,9 milhões de quilos exportados no mesmo período de 2020 (Tabela 2).

**Tabela 2. Balança comercial brasileira de lácteos**

Mês	Milhão de quilo								
	Importação			Exportação			Saldo		
	2020	2021	Var. %	2020	2021	Var. %	2020	2021	Var. %
Janeiro	10,6	17,8	68,4	2,9	2,4	-17,3	-7,7	-15,5	100,2
Fevereiro	8,8	15,1	72,0	1,8	1,8	-1,0	-7,0	-13,4	90,6
Março	9,4	14,4	52,9	2,5	2,8	8,8	-6,8	-11,6	69,3
Abril	6,0	7,3	22,0	1,8	4,3	135,7	-4,2	-3,0	-27,3
Mai	7,5	8,3	9,9	2,3	3,3	39,2	-5,2	-5,0	-3,4
Junho	8,4	8,8	5,0	2,2	4,0	85,1	-6,3	-4,9	-22,6
Julho	12,6	9,6	-23,5	2,7	3,5	31,9	-9,9	-6,1	-38,4
Agosto	18,0	10,0	-44,1	2,7	3,0	10,4	-15,3	-7,0	-53,9
<b>Até agosto</b>	<b>81,3</b>	<b>91,4</b>	<b>12,5</b>	<b>18,9</b>	<b>24,9</b>	<b>32,1</b>	<b>-62,4</b>	<b>-66,5</b>	<b>6,5</b>
Setembro	22,8			2,4			-20,4		
Outubro	22,1			2,7			-19,5		
Novembro	22,9			2,5			-20,4		
Dezembro	22,4			2,5			-19,9		
<b>Total</b>	<b>171,6</b>			<b>29,0</b>			<b>-142,6</b>		

Fonte: Ministério da Economia - Comex Stat.

### Preços

Na reunião de agosto do Conseleite/SC, o preço de referência projetado para agosto ficou acima do valor final do mês de julho (Tabela 3).

**Tabela 3. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conseleite**

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso				Variação (%)	
	2018	2019	2020	2021	2019-20	2020-21
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2273	1,6020	5,3	30,5
Fevereiro	1,0128	1,2309	1,2342	1,5218	0,3	23,3
Março	1,0857	1,1957	1,2974	1,5699	8,5	21,0
Abril	1,1295	1,2185	1,3192	1,5820	8,3	19,9
Mai	1,1522	1,2535	1,3091	1,6994	4,4	29,8
Junho	1,3454	1,2036	1,5176	1,8025	26,1	18,8
Julho	1,4050	1,1560	1,5588	1,7676	34,8	13,4
Agosto	1,2997	1,1918	1,7288	1,7941	45,1	3,8
<b>Média até agosto</b>	<b>1,1750</b>	<b>1,2020</b>	<b>1,3991</b>	<b>1,6674</b>	<b>16,4</b>	<b>19,2</b>
Setembro	1,2582	1,1767	1,7994		52,9	
Outubro	1,2351	1,1516	1,7075		48,3	
Novembro	1,1358	1,1779	1,6703		41,8	
Dezembro	1,1228	1,2227	1,7121		40,0	
<b>Média anual</b>	<b>1,1793</b>	<b>1,1954</b>	<b>1,5068</b>		<b>26,1</b>	

Agosto/2021: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Embora discreto, esse aumento no preço de referência era inesperado e, possivelmente, só se concretizou porque a produção leiteira nacional seguiu em julho e agosto o desempenho sofrível que apresentou na maioria dos meses do primeiro semestre de 2021. Isso fortalece a concorrência das indústrias lácteas pela

compra de leite e repercute positivamente sobre os preços recebidos pelos produtores. Assim, o preço médio recebido pelos produtores catarinenses neste mês de setembro (relativo ao leite entregue em agosto) ficou idêntico ao do mês de agosto (Tabela 4).

<b>Tabela 4. Leite – Santa Catarina: preço médio<sup>(1)</sup> aos produtores – 2018-21</b>						
<b>Mês</b>	<b>R\$/l posto na propriedade</b>				<b>Variação (%)</b>	
	<b>2018</b>	<b>2019</b>	<b>2020</b>	<b>2021</b>	<b>2019-20</b>	<b>2020-21</b>
Janeiro	0,94	1,09	1,22	1,94	11,9	59,0
Fevereiro	0,94	1,17	1,26	1,78	7,7	41,3
Março	0,96	1,25	1,29	1,71	3,2	32,6
Abril	1,01	1,27	1,28	1,76	0,8	37,5
Maio	1,09	1,32	1,19	1,84	-9,8	54,6
Junho	1,14	1,32	1,31	1,99	-0,8	51,9
Julho	1,30	1,23	1,50	2,15	22,0	43,3
Agosto	1,35	1,19	1,66	2,17	39,5	30,7
Setembro	1,31	1,21	1,87	2,17	54,5	16,0
<b>Média até setembro</b>	<b>1,12</b>	<b>1,23</b>	<b>1,40</b>	<b>1,95</b>	<b>13,8</b>	<b>39,2</b>
Outubro	1,28	1,21	1,95		61,2	
Novembro	1,24	1,19	1,92		61,3	
Dezembro	1,11	1,18	1,97		66,9	
<b>Média anual</b>	<b>1,14</b>	<b>1,22</b>	<b>1,54</b>		<b>26,2</b>	

<sup>(1)</sup>Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

Fonte: Epagri/Cepa.

A reunião do Conseleite/SC de setembro está marcada para o dia 24, nela se estabelecerá o preço de referência final de agosto e se projetará o preço de setembro (que serve de base para o preço que os produtores receberão em outubro). O cenário mais provável é de redução no preço de referência de setembro e de queda nos preços a serem recebidos pelos produtores em outubro.